

DE OLHOS BEM ABERTOS

Andressa voltava para casa. Os pais estavam viajando. Além dela, sobrava só o irmão mais velho. Embora no próprio lar, ele era como um ermitão: quase não saía do seu quarto, poucos viam seu rosto. Era até difícil estabelecer suas características. Seria viciado em drogas? Um alcoólatra de fim-de-semana? Seria um religioso ortodoxo? Seria homossexual ou heterossexual? Um artista? Um reacionário? Quem seria ele? Bom, a vantagem para Andressa é que ele não a incomodava. Ela havia passado a noite na casa das amigas e não tinha que avisar a ninguém.

Andressa não conseguia parar de pensar no que havia acontecido há duas noites. Nesta ocasião, ela traiu o namorado pela primeira vez. E esperava uma sensação diferente. Talvez uma culpa enorme, que lhe atravessasse o espírito como uma lâmina, provocando uma dor dilacerante. Mas não havia nada disso. Só um desconforto. E era o suficiente para que ela decidisse pelo término do seu relacionamento com Eduardo, o namorado. Aquele desconforto não tão grande seria o bastante, talvez isto fosse o pior. Deveria ser algo muito mais forte. Um arrependimento maior, quem sabe... Mas o tal desconforto era como uma pedrinha no sapato, que a impediria de caminhar junto ao companheiro atual.

E o que ganhara em troca? Uma noite de amor era pouco. O melhor sentimento era um certo orgulho de ter seduzido um homem mais velho. Para ela, isto proporcionava um reconhecimento do poder do próprio corpo, de suas pernas jovens, de seus seios pequenos e bonitos. De certa forma, sentia-se mais segura, porém esta sensação era como uma luz piscando, de uma maneira que jamais conseguiria iluminar completamente um lugar. Não era algo que conseguisse se estabelecer por completo, possivelmente porque deveria ser a menor parte da história. Ela esperava encontrar um momento inesquecível, ou pelo menos, um capítulo marcante para sua vida. Muitos fantasiavam uma relação entre uma adolescente e um homem mais velho. É quase um lugar-comum no cinema e na literatura, desde Lolita. Aliás, um dos poucos filmes preto-e-branco que Andressa se atreveu a ver(e gostou).

Ela era a “Lolita” da vez. Mas tudo pareceu muito normal, quase corriqueiro. O sexo havia sido maravilhoso, mas só isto não bastava, apesar de ser tudo o que muitos seres humanos necessitam em determinados momentos. Todavia, para ela, fora algo descartável. E o que perdurou foi esta certeza de ser bonita, atraente, sedutora. Este orgulho tornou-se maior do que a satisfação proporcionada pelo ato. Imaginou uma caixa de sucrilhos trazendo uma tigela como brinde, um mantimento que fosse muito maior e mais vistoso do que o alimento. Era esta a sensação: o “brinde” era melhor do que o alimento. E para piorar ainda ficava aquela perturbante visão da barriga flácida do homem. Não era muito grande, mas balançante, pendurada, abjeta. E movimentava-se feito uma onda, indo e vindo, durante todos “aqueles momentos”. Era o preço que se pagava por escolher alguém que não malhasse o abdômen, pensou ela.

O apartamento era silêncio puro. Intuitivamente, Andressa sentiu-se impelida a abrir a porta do quarto do seu irmão e dizer-lhe algumas palavras.

O quarto de Erik era lotado de pôsteres de rock. A jovem foi andando até a cama quando teve o grande choque. Ele estava deitado com uma mulher. Ambos estavam descobertos do peito para cima. A mulher era bem mais velha. Uma figura de uns quarenta e poucos anos bem pálida, com o cabelo carecendo de uma boa tintura. Andressa tocou Erik no ombro, esperando acordá-lo. E a

cabeça dele despencou para o lado, flexível demais. Mas não para quem estivesse com o pescoço quebrado. Da boca do rapaz de 20 anos escorreu um filete de sangue.

Andressa percebeu tudo e gritou com força. Em seguida, telefonou para Eduardo. Este veio o mais rápido possível, e encontrou Andressa prostrada no sofá, com os olhos inchados. Eduardo estava na casa de um colega e, ao receber o chamado em seu celular, apressou-se. A namorada, aos prantos, desistiu de tentar alguma coisa, preferindo apontar para o quarto de Erik. Eduardo entrou galhardamente no cômodo e deparou-se com o rapaz com os lábios agora repletos de sangue, em uma posição bem adequada a um morto. Como Andressa, Eduardo era um adolescente de 17 anos, muito bem educado, mas despreparado para situações como esta. Assustado, ele optou por guiar os seus olhos por todos os cantos do quarto, evitando observar a dupla que pairava inerte sob a cama. Mirou o chão alguns minutos, e passou a analisar a coleção de CDs do morto. Tudo isto com a intenção de apagar da mente, mesmo que momentaneamente, a imagem chocante de sangue e morte. Enquanto manuseava os CDs, Eduardo lutava para esquecer que havia um morto por perto, e tentava acalmar-se para, após conseguir este intento, tentar tomar alguma decisão.

E ia segurando os CDs, sem pressa, tirando-os da estante. Lia o nome das bandas, os títulos das músicas, o ano em que foram lançados. Havia discos nacionais e importados, eram muitos. Como Eduardo, Erik gostava de rock.

Subitamente, os gritos de Andressa ecoaram. Era preciso sair do quarto, sem mexer em nada. A polícia estava chegando. Nervoso, Eduardo saiu deixando um CD em cima da cama, aos pés do casal.

Do painel fúnebre, sobraram as dúvidas, estas ainda bem vivas, inflamando os pensamentos de Eduardo e Andressa. “Será que Erik bateu com a cabeça durante a relação sexual?”, questionava-se Eduardo.

“Será que ele está mesmo morto?” - sob a forma de pergunta manifestava-se a pequena esperança que Andressa tinha de ainda ver o irmão vivo.

E se estiver mesmo morto, teria sido consequência de algo no estilo “sodomasoquista”? A adolescente lembrou um filme com rituais, fetiches e, o que era mais importante para ela, o galã Tom Cruise. E voltando o pensamento novamente para o irmão: teria sido assassinado por aquela mulher? Será que ela também está morta? (e por que ele havia escolhido uma mulher tão acabada?)

Saiu nas páginas de um jornal carioca: americanos estavam pagando para serem seqüestrados. Era o mais novo fetiche de alguns ricos dos EUA. Alexandre S. riu muito ao ler a notícia. Alexandre tocara bateria no disco de estréia do grupo de punk rock chamado Vilipêndio. O motivo do riso era que sua ex-banda havia gravado uma música chamada “De olhos bem abertos” cujo refrão dizia: “Eu quero ser assassinado, para aumentar o prazer eu quero ser assassinado”. A música não era um convite ao extermínio, mas um discurso sarcástico, uma metáfora debochada para o prazer e sua faceta consumista dos dias de hoje. Alexandre começou a ter devaneios: “Do jeito que está, um dia as pessoas pagarão para serem mortas, bastando para isto ser descoberto que um determinado tipo de morte provoca um orgasmo mais intenso”. Alexandre poderia escrever uma história sobre esta idéia, mas decidiu deixar para fazer isto em uma das próximas semanas.

Em poucos minutos, o celular de Alexandre tocava. Era alguém de um jornal perguntando se ele fazia parte do grupo chamado Vilipêndio. “A fama agora não bate mais na porta, avisa antes pelo celular”, riu consigo. Mas, de qualquer forma, ele não estava mais com o grupo. E qual o motivo de uma entrevista, logo com ele que não era autor de nenhuma das músicas e nem tinha chegado a fazer shows com a banda?

— Você não sabe do ocorrido na rua Ramos da Rainha, em Copacabana? — perguntou o jornalista.

— Não.

— Um rapaz morreu, ainda não se sabe se foi assassinato ou suicídio, ou mesmo acidente. Era filho de Sandro Dickens, o poderoso comerciante do ramo das tintas. Chamava-se Erik. Ao lado dele estava uma mulher completamente embriagada. E aos pés deles, o disco do Vilipêndio. Alguns vizinhos disseram que o casal passou a noite toda ouvindo as músicas do disco.

— Pelo menos, agora sei que alguém está escutando o nosso CD...

— Certo, mas gostaria de saber o que você acha do conteúdo deste trabalho. E gostaria de uma opinião sobre a influência deste tipo de arte no processo da violência urbana — quis saber Carlinhos, ignorando o bem-humorado comentário de Alexandre.

— É melhor você falar com o Ricardo, que escreveu as letras. Eu não quero saber mais disso. Gostei de gravar o CD, mas agora eu não quero mais ficar identificado com isto. Hoje sou um homem de Deus.

Se fosse para falar com alguma “estrela do show business” a tarefa não seria dada a um estagiário. Como era para entrevistar um mequetrefe qualquer de uma banda fuleira que ninguém conhecia, então “vai lá, Carlinhos”. Estagiário não come filé. De qualquer forma, ele tinha sorte de não estar ajudando a fazer obituários como seu colega de faculdade. A editora Lúcia de Assis pediu, afetuosa, mas incisiva:

— Agora quero um box, com casos anteriores que liguem o rock pesado a crimes, brigas e tumultos. Peça ao Artur o material que ele tem, e pode incluir episódios ocorridos fora do Brasil.

Os jornais deram ampla cobertura ao caso. Beirava o sensacionalismo. Só faltava pedirem a prisão dos músicos do grupo de rock. Houve até um teólogo que escreveu um artigo, explicando, sob a luz da metafísica, a responsabilidade do disco(chamado 15 Abismos) do Vilipêndio pelo que se sucedera.

O certo é que ninguém sabia o motivo da morte de Erik. A mulher, uma ex-professora de literatura, havia se rendido ao álcool e à cocaína, desde a morte do marido, muito tempo atrás. Aliás, com o cônjuge, havia morrido também o seu gosto por lecionar. O homem lhe deixara uma pensão, que ela, sem filhos e parentes, gastava nos embalos das noites cariocas. Os seus ex-alunos em quase nada reconheceram a professora bonita, atenciosa e sempre interessada em ajudar. Mas aquilo foi há muito tempo. A mulher que apareceu em cadeia nacional era uma louca que acordou sapecada pelos flashes das câmeras dos jornalistas.

Carlinhos não foi o único que escreveu sobre “casos anteriores”. Todos os jornais publicaram um quadrinho (box, na linguagem jornalística) com narrativas de fatos que deixavam claro que a “Ligação do rock com a violência não é nova”. E contavam histórias verdadeiras como uma em que jovens teriam se matado após ouvir a banda britânica de heavy-metal Judas Priest.

Alguns jornais pegaram declarações dos membros do Vilipêndio, algumas bem tolas, como convém a um grupo de rock que se preze. A novidade é que a banda conseguira vender todas as cópias do disco, editado de forma independente. As mil cópias se esgotaram logo que começou a conexão entre a banda e a morte do jovem. Um selo pequeno ofereceu-se para lançar uma nova tiragem do CD. Mas a própria banda estava meio constrangida com o fato. Ricardo Caulfield, o vocalista, estava preocupado. O teor violento do disco teria realmente algum tipo de influência sobre o crime? A resposta poderia vir em dias, quando Hermes Polaco, famoso legista, divulgasse o resultado dos exames. E esclareceria a causas da morte de Erik. Talvez ele tivesse escutado o disco com a mulher antes de alguém entrar e matá-lo. Mas se a mulher fosse a responsável pelo

ato? Novamente viria a ladainha, ligando o disco com o crime. O que não era justo. As músicas do Vilipêndio, compostas por Márcio e Ricardo, são, lyricamente, violentas, mas devem ser encaradas como uma manifestação artística que tem por objetivo tirar o ouvinte do estado de acomodação. E fazê-lo refletir.

É engraçado que ninguém acuse Quentin Tarantino ou Martin Scorsese de aumentar o banho de sangue na vida real. E é evidente que os dois diretores não devem ser responsabilizados por isso, mas se for para seguir a linha de raciocínio dos jornais, que atribuem ao rock uma parcela de responsabilidade pela violência das metrópoles, deveria ser feita uma conexão também entre filmes e criminalidade. A diferença é que não se busca esta analogia, ninguém está interessado em descobrir se o assassino “é fã de Quentin Tarantino”. É que estes diretores são queridos da imprensa e dos formadores de opinião. E o rock pesado é sempre visto com um certo preconceito e desprezo. Então não há problema em “vender” esta relação entre rock e violência, pois o senso comum está interessado em consumir este tipo de sensacionalismo. Mesmo que os editores não acreditem na ideologia da matéria, o público aceita de bom grado. E não há motivo para poupar o consumidor do que ele quer ler. Para que ser condescendente com uma manifestação descerebrada, adolescente e estéril como o rock pesado? Ah, vamos vender jornal!

O rock pesado estava presente já no nascimento do próprio gênero, nos primórdios do rock and roll, de Chuck Berry e Cia. Estava presente a sua semente, na guitarra, transgressora para a época, nos gritos de Little Richard. No piano endiabrado de Jerry Lee Lewis. Rock and roll era libido e contestação. O rock pesado já estava ali, e para nascer foi preciso só aumentar a distorção e o volume dos instrumentos. Depois vieram as pinceladas finais: uns cantaram sexo, outros começaram a falar de coisas como satanismo, uma forma de afrontar uma sociedade religiosa, porém moralista e hipócrita.

O rock precisa chocar. Não deveria ser nunca o coro dos contentes. É neste contexto em que poderiam ser analisadas as letras de uma banda como o Vilipêndio: alegoria, metáforas, provocação. A arte não pode ser asséptica ou meramente decorativa. Será que as pessoas não entendem que é necessário algo que traga desconforto?

PARAÍSO

Um mês antes da morte de Erik...

— Felicidade é um ideal inalcançável — explicava o professor em sua voz roufenha — no final de contas, trata-se de uma maneira de colocar as pessoas sob um padrão, pois ser feliz implica estar de acordo com várias regras que nos são impostas. Felicidade é ter casa própria, estar casado, ter filhos, ser reconhecido, ganhar um bom salário....Estas são características que as pessoas ligam à felicidade. Mas, afinal, quem é feliz? Os personagens dos contos de fada. São felizes para sempre, mas isto só ocorre depois que a história acaba — e continuou, após breve pausa:

— Mas na vida real as pessoas buscam a tal felicidade e sempre fracassam, pois não se pode vivê-la no presente. Ela é uma meta, uma abstração. A solução torna-se buscar satisfações diárias para diminuir a ansiedade. São os “orgasmos diários” que temos através do sexo, da comida, do jogo, da droga, do consumo desenfreado. Satisfação é a coisa que encontramos mais próxima da felicidade. Mas será que se colássemos um milhão destes prazeres diários teríamos um simulacro quase perfeito da felicidade? Ou seria um pálido rascunho? — perguntava o professor, olhando a turma. Subitamente, seu pulmão se encheu de ar e ele vomitou as palavras como se estas fossem uma poderosa sentença:

— SERIA UM PÁLIDO RASCUNHO DA FELICIDADE?

Ninguém da classe se habilitava a responder a esta questão. Na realidade, os alunos ainda não sabiam se era para ser dito algo ou se aquela argüição era apenas um fragmento decorativo, com mero intuito de dar dramaticidade ao discurso do mestre.

Cecílio, o professor, esperou poucos segundos por alguma alma que se dispusesse a tentar elucidar a perene questão. A espera durou intantes e ele saiu, com seus passos pesados e cabelo desgrenhado.

A turma, em silêncio, viu o homem sair e bater a porta. Ainda faltavam vinte minutos para o fim da aula. Já estava se tornando comum Cecílio abandonar a turma antes de tocar o sinal. E o que é pior, sem lecionar quase nada de sua matéria, a matemática.

Na escuridão do quarto, Andressa contorcia-se ao mesmo tempo em que tentava explicar a Eduardo o que ele deveria dizer ali, durante os movimentos do ato sexual.

Eduardo estava com dificuldades de transar e repetir simultaneamente o seu “script”. A única coisa que ele facilmente compreendia é que aquele era o dia do “amor agressivo”. Há pouco tempo havia sido o “dia do amor eterno”, e, há uma semana, eles fizeram algo do tipo “sexo melancólico”. Tudo dependia do estado de espírito de Andressa. A agressividade, de certa forma, o constrangia. Talvez pela desenvoltura que Andressa demonstrasse, em contraste com a timidez que ele havia desenvolvido.

— Fala logo essa porra! Vai! — gritava a adolescente, excitada.

Mas o máximo que Eduardo conseguiu foi embolar os verbos, os sujeitos, o predicado, e o sentido que originalmente sua namorada havia criado para a situação. A julgar pela cena, ele precisaria melhorar muito a performance artística se quisesse entrar para o fechado grupo de teatro da escola.

Andressa afastou-se abruptamente, e jogou o travesseiro na cara do namorado, xingando:

— Imbecil! Retardado! Não era nada disso! Vai embora agora!

Eduardo saiu, foi para casa. Ele não tinha aula com Cecílio, a fantasia secreta de Andressa. Se ele tivesse se matriculado junto com Andressa para cursar as aulas no curso da manhã, seria pouco provável que ela lhe pedisse para dizer algumas daquelas coisas, que misturavam palavrões com palavras sobre o verdadeiro sentido da felicidade. Filosofia e obscenidades, uma mistura que intrigava o rapaz. Embora Eduardo não fosse nenhum Sherlock Holmes, se ele fosse também aluno de Cecílio, Andressa não teria coragem de lhe dar pistas como essas.

Há um ano que Eduardo e Andressa transavam. Tudo era ótimo. No começo chegou a ser amor. Eventualmente o sexo era bem bruto, embora não fugisse do que se convencionou chamar de normalidade. Nestes momentos era o melhor remédio para o estresse. Na cabeça do casal, havia uma idéia que tomava ambos, mas nenhum deles teria a coragem de admitir para o outro:

— Se é tão bom transar, por que não fazer também com outras pessoas?

Mas Andressa e Eduardo eram fiéis, talvez até por algum tipo de pudor. Nenhum dos dois achava o próprio corpo muito bonito, embora fossem jovens bem atraentes. Na cabeça de Andressa, seria excelente fazer amor com o professor de matemática louro, alto e de cabelos compridos desgrenhados. Uma versão civilizada de Gerard Depardieu.

Andressa sempre tivera uma visão muito particular do que era a farmácia do seu bairro. Era uma loja intensamente colorida, com diversos produtos em embalagens vistosas, colocados em prateleiras. Tudo em uma organização impecável. A parede estava repleta de cartazes, e kits de propagandas balançavam pendurados por fios. A farmácia não era grande, as prateleiras ficavam bem próximas umas às outras. A sensação era de que os clientes estavam sendo engolidos por muralhas de embalagens com instintos canibalescos. Neste cenário, era fácil para Andressa dissociar a imagem dos remédios de suas respectivas doenças. Para ela, aquele estabelecimento era um grande templo do consumo. Passar em frente àquele lugar poderia lhe causar duas coisas: um impulso consumista ou um grande tesão. O que, a rigor, eram duas coisas bem difíceis de serem separadas, pelo menos, no caso de Andressa. E ela não poderia imaginar que um dia encontraria Cecílio justamente ali, como uma presa fácil. E foi o que aconteceu.

Andressa passava em frente à farmácia quando viu seu professor na fila do caixa. Ela apressou o passo e, quando entrou, ele já havia feito o pagamento e estava saindo. Esbarraram-se na porta. Andressa mirou os olhos do mestre e arriscou a sorte, blefando:

— Eu vi o que você comprou... — insinuou em tom maldoso, em um timbre especialíssimo, próprio de quem faria uma conexão entre drogarias e consumo de substâncias ilícitas. Na realidade, um timbre que ela havia acabado de inventar. Em seguida, arrematou:

— Vamos para sua casa. E você me dá metade para eu tomar.

O professor ficou perplexo diante da ousadia da ninfeta e respondeu:

— Assim, sem sair para jantar antes?

— Não é preciso jantar, não faço questão.

— E você quer usar metade?

— Quero.

O professor não agüentou e soltou uma gargalhada, para, em seguida, pedir à farmacêutica que fizesse um outro embrulho igual ao dele. Orgulhoso do interesse da aluna, Cecílio deu-lhe o produto e explicou:

— Infelizmente não posso aceitar o convite. Mas guarde isto em sua casa, quem sabe um dia... — e saiu em sua característica passada.

Andressa só tomou coragem para abrir o pacote em seu quarto. O que seria?

A resposta foi bem desanimadora, e nada sensual ou proibida: era uma caixa de fio-dental.

Nas aulas seguintes, Cecílio passou a notar um pouco mais a presença de Andressa. Era jovem, morena clara, de cabelos escuros e ondulados. Muito bonita: frágil e doce, levemente irresponsável.

Mas seus sentimentos ainda não haviam cicatrizado totalmente. Suas reminiscências eram o grande entrave para os vãos futuros. Ele passou grande parte da juventude atrás de um amor que fosse pleno, desses decididos pelos desígnios divinos, ou pelas estrelas.

E ia se apaixonando, nunca pelas suas namoradas, mas por pessoas inatingíveis. Na realidade, eram aparentemente “atingíveis”, mas na hora agá...algo acontecia e a paixão não se concretizava. O professor cético de hoje em nada lembraria o romântico incurável de outrora, do tipo que lê o horóscopo todos os dias em busca de dicas para a conquista da mulher por quem se afeiçoou. Cecílio também era amado, só que pelas namoradas e companheiras, ou seja, pelas “mulheres erradas”.

Mas da última vez em que se apaixonou, a queda o levou a modificar sua vida(depois de quase ter resolvido acabar com ela).

E para efetuar esta reformulação interna, ele buscou um símbolo em suas próprias origens. No próprio nome. Os pais de Cecílio o haviam batizado sem o acento do qual seu nome necessitava. Após sobreviver à depressão, Cecílio buscou, pelos meios legais, incluir o acento. Era a maneira de prestar uma homenagem à sua própria sobrevivência. Agora seria AC/DC(antes Cecílio: romântico, iludido — depois Cecílio: crítico, um “inconformista”). Cecílio leu livros sobre filosofia, fez pós-graduação em comunicação de massa, estudou o amor romântico em outros séculos. Ou seja, para sobreviver, ele se criou.

Em uma bela tarde, Cecílio dirigia na Tijuca. Ia deixar sua avó em casa, em uma ruazinha chamada Eduardo Ramos. Era o epílogo de um desses almoços em família que, invariavelmente, ocorriam no domingo. Ele era o responsável pelas caronas.

E foi neste dia que, após deixar a anciã em casa, Cecílio se viu com uma moto à sua frente, surgida repentinamente, como se fosse uma emboscada para espantar qualquer resíduo que o professor tivesse de sono. Um louco havia saído da garagem de casa em alta velocidade, sem observar que havia um carro vindo pela mão preferencial da rua. Para não pegar o motociclista, Cecílio desviou e acabou se chocando com uma casa. Na realidade, esta casa era um estúdio de gravações. De lá de dentro saíram dois músicos, Ricardo e Márcio, que estavam gravando algumas canções, e um cabeludo, o produtor musical que atendia pela alcunha de Lopes. Foram eles que chamaram a ambulância. A moto foi embora, ilesa.

Quando acordou no hospital, com escoriações leves, Cecílio percebeu a importância de se aproveitarem as oportunidades que a vida oferece. Andressa ganhava ali, a sua primeira chance. Cecílio prometeu não se apaixonar, mas nada o impediria de se relacionar, mesmo que superficialmente, com uma garota que lhe desse muito tesão. Afinal, talvez estes pequenos momentos fossem os mais próximos do paraíso, pelo menos, enquanto não morremos. Além do que, o mais importante para Cecílio era se sentir respeitado.

EU DEFENDO A LEI

Tadeu era o novo policial. Acabara de ingressar na corporação. Serginho colocava nele seus olhos, como se fosse um pai admirando o filho. Serginho estava lá há muito tempo. Tadeu lhe lembrava o seu início, quando pensava e agia sem a experiência de agora. Arriscava a vida e ganhava muito pouco, aliás, coisa que não mudou muito. A experiência é algo que funciona quando se precisa, mas muitas vezes é um fardo. Uma cruz de desilusão e más recordações.

Quando jovem, Serginho acreditou que o seu uniforme teria, em algumas preciosas ocasiões, o dom de estabelecer a justiça. Hoje o experiente policial ainda efetuava prisões, mas não se iludia: “São como baratas se proliferando, você prende um e amanhã surgem dois...Nunca vai acabar...” Era muito triste.

Poucos dias atrás, uma “blitz” de criminosos havia matado um colega de Serginho. Era um cara da administração. Morria de medo de trabalhar nas ruas. Naquele dia, havia saído antes do horário para ver sua filha, que nascera prematura. Ele não carregaria normalmente a carteira de polícia à vista, mas, como disse, era um dia especial e a cabeça do homem estava nas nuvens. A carteira ficou junto às outras e quando os bandidos lhe pediram o documento, ele ainda tentou sacar a arma. Era o fim. Era muito triste.

Tadeu lustrava sua arma. Serginho continuava a olhá-lo, com uma certa pena. O jovem parecia lidar com um brinquedo, não por demonstrar algum domínio da peça, mas por exhibir em sua face um semblante de criança mimada. Serginho lembrava de um crime, qualquer um. É horrível o estrago que uma arma dessas faz em um ser humano. Chegará o dia em que este novo policial descobrirá isto. E morrerá um pouco de sua esperança. Enquanto jazia em suas elucubrações, uma emissora de rádio FM tocava “Índia” na voz de Gal Costa, uma gravação bem antiga. Era uma rádio que só tocava música brasileira, e, por algum motivo desconhecido, ignorava qualquer canção de disco lançado após a década de 90.

“Quando eu for embora para bem distante e chegar a hora de dizer-te adeus... Fica nos meus braços só mais um instante.. deixa os meus lábios se unirem aos teus” — dizia a letra. Serginho deixou-se levar pela música, em uma profunda melancolia. E teve vontade de dizer para o novato: “Largue esta arma, busque outra coisa que seja certeza de algum futuro”. Nestes momentos pensava naquilo em que havia se tornado. O cérebro, um museu de horrores. Todos aqueles crimes brutais, aqueles motivos sórdidos, aquelas mentiras pegajosas, tudo estava lacrado e guardado em sua mente. Eventualmente sua maior esperança era a de que o subconsciente fosse uma grande mentira inventada pelos psicólogos: “Eu vejo, mas o que é ruim eu esqueço”.

A índia cantada na música era como um amor perdido, o amor que ele deixou de lado para seguir sua carreira na corporação. O amor por fazer outras coisas, qualquer outra coisa.

Bom, mas quando estiver perambulando nas ruas da cidade não existirá mais esta melancolia, nem divagação que seja. Isto significaria a morte.

Os cabelos de Tadeu brilhavam sob as luzes da sala. Ele falava pouco. Era possível perceber que ele não era tímido, mas seco. E iria fazer sua estréia nas ruas ao lado de Caio. A área era bem perigosa. Mas Caio era bom companheiro. Honesto da mesma forma que Serginho, ou seja, “meio muzzarela, meio calabresa”.

Após um mês, Tadeu estava realmente encrencado. Caio foi baleado dentro da casa. Tadeu correu atrás do homem magro, alto e moreno. Desceram ladeira após ladeira, antes que o policial conseguisse ter algum equilíbrio para pegar a arma. O perseguido não aparentava estar armado. Era fim de tarde, bem mais abaixo era possível enxergar as pessoas andando pelas ruas. Tadeu optou por arriscar e deu dois tiros antes que descessem junto aos demais transeuntes. O homem foi atingido no coração, explodindo sangue por todo o verde que havia em volta.

Tadeu estava lívido em sua brancura. O homem tinha mesmo que morrer, pois era a única testemunha do assassinato de Caio. Tadeu não teve prazer em matar Caio, assim como não se orgulhava de ter acabado de eliminar o infeliz que tivera o azar de presenciar a cena. Dois mortos não o transformavam em um vilão, mas em um soldado. Um soldado do tráfico. Já o era antes, e entrara na polícia com propósitos definidos. Só que quase havia sido desmascarado. Ele realmente gostava de Caio. Aquele era um mundo muito triste.

CRIME PERFEITO

A agência havia ganho a conta da Credits. Isto é que se chamava vitória. Renato, André e Jorge iam comemorar em grande estilo. Já haviam começado a fazê-lo na própria agência, detonando o Ballantine's que havia (pertencia ao diretor, mas este consentiu o consumo da sua bebida, afinal, havia um bom motivo). No boteco perto do prédio, tomaram umas cervejas. E, sincronicamente, ligaram para suas respectivas casas e avisaram que chegariam tarde: "Estamos comemorando com os colegas do trabalho uma negociação bem sucedida." Fizeram uma fila indiana para o banheiro, cada um deixando para o outro uma carreirinha de cocaína estrategicamente batida em um espelho colocado perto da pia. O que faltava para completar aquela comemoração? Mulheres. Sem paciência para flertes muito complicados, eles entraram nos carros e partiram em uma correria desenfreada rumo a uma boate de Copacabana, onde pudessem encontrar um bom show de strip-tease e, claro, mulheres disponíveis.

Na entrada de uma das boates havia um tumulto. As pessoas formavam uma roda para ver a cena. Um homem de seus 30 anos chorava e implorava:

— Cláudia, venha comigo. Eu te amo e pago o que você quiser. Eu não quero você com os outros homens — dizia, transtornado, enquanto puxava a mulher pelo braço. Esta respondia, seca:

— Ivan, você está bêbado. Eu não quero o seu dinheiro. Ele custa muito pra mim. Prefiro ganhar a mesma coisa na boate. Aqui como o pão que o diabo amassou, mas eu não tenho que te aturar! Me larga, porra! — e a discussão continuou.

Os três amigos preferiram entrar na boate a esperar o desenrolar da discussão. Sentaram à mesa, pediram caipirinhas e convidaram meninas simpáticas para um diálogo e, quem sabe, algo mais. Quando Jorge disse "Hoje tem essa festa, amanhã vai ter outra: a do Mengão campeão", a madrugada começou a desandar para Renato.

Mais tarde, após mais três caipirinhas e umas cafungadas, Renato tentava explicar, em um dos baratos motéis dos arredores, o fato do seu desempenho sexual ter deixado a desejar:

— Normalmente eu tenho muito mais pique... não sei o que aconteceu... — e concluiu que aquilo não poderia ficar assim, atribuindo a um problema pessoal doméstico a responsabilidade pelo seu nível baixo de libido. Sua companhia, uma ruiva, ouvia, sonolenta. Ele continuava a buscar motivos e soluções:

— Esta situação lá em casa já está começando a prejudicar minha vida particular, o meu lado psicológico. Vou ter que resolver este problema amanhã, porque já passou dos limites. Talvez um bom papo seja o suficiente.

A mulher não quis ser indiscreta, poupando Renato de mais perguntas. Era fim de noite.

O pai chamou o filho para uma conversa séria, coisa precedida pelo aviso paterno de que "está na hora de um diálogo franco, fundamental para o futuro da família". O rapaz de 20 anos, pouco acostumado a troca de idéias com o progenitor, assustou-se.

— Filho, quando você fez 12 anos, o que você me pediu?

— Ah...sei lá...faz tanto tempo...

— Uma mesada!

— Pera lá...eu pedi à mamãe.

— E ela repassou o pedido a mim. E você recebeu enquanto precisou. Agora, a gente ajuda ainda um pouquinho, mas você tem a grana do estágio.

— É...

— Com 18 anos, você lembra aquilo que nos pediu...

— Essa eu lembro: um carro!

— E nós demos para você um carro zerinho...

— Epa! Neste caso vocês não me deram, a gente trocou. Se eu passasse no vestibular, ganharia o carro. E eu passei. Não foi assim “de graça”.

— Ok, você tem uma certa razão, mas nós fizemos isto porque estávamos muito preocupados com o seu futuro. Aqui em casa, você tem tudo. Até deixamos você dormir com a sua namorada no quarto.

Neste momento, Leonardo (o filho) pressentia que viria alguma solicitação pesadíssima, afinal, já haviam sido computados oito anos de mesada e um carro, além da liberdade que ele tinha. Aliás, este último era o item mais perigoso, uma vez que especialistas alegam não ter preço. Diante de todas estas reminiscências, o que aguardaria o pobre rapaz?

A boca de seu pai parecia se mexer em câmera lenta, era o momento da “facada”:

— Vou lhe pedir uma coisa... é muito importante...

— Se estiver ao meu alcance — esta era uma resposta muito comum e quase nunca correspondia à realidade. Deveria ser assim: “Se estiver ao meu alcance e se eu me dispuser a fazer, farei”. Pensando bem, desta maneira pareceria um tanto arrogante. Talvez fosse melhor “Se estiver ao meu alcance e não for incômodo demais, eu farei”. Conheço gente que sua só de ouvir a palavra “favor”. Uma pessoa diz “Faz um favor para mim?” E pronto, o ouvinte já está se engasgando com a comida. Então vem a continuação, que é o pedido: “...passa o ketchup, por favor” Eis o grande alívio, é só ketchup, não é dinheiro emprestado ou coisa desagradável que o valha. A descoberta é quase um orgasmo.

Voltando à nossa história. Então o pai explica a situação.

— Quero que você dê uma prova de solidariedade ao seu pai...

— Se estiver ao meu alcance... — repetiu o rapaz, automaticamente.

— Domingo que vem é a decisão do campeonato de futebol do Estado do Rio de Janeiro. É Fluminense e Flamengo, como você sabe. Eu nunca aceitei que você se tornasse torcedor do Botafogo. Mas eu tenho minha parcela de culpa, nunca te levei ao Maracanã, nem nada. Você acabou indo na conversa dos seus primos. Olha, o que eu vou te pedir é simples: torça pelo Flamengo.

— Mas o senhor sabe que eu detesto o flacista futebol clube — o pai ignorou o trocadilho infame, mistura de humor com influência das palavras usadas no discurso do diretório estudantil, de que o jovem fazia parte. E continuou seu apelo emocionado:

— Faça por consideração a mim, é muito importante. Você não é tricolor, então torça pelo time de quem sempre torce por você.

— Tudo bem, vou tentar.

Durante a partida, o rapaz se refugiou no seu quarto, ao contrário das muitas vezes em que acompanhava o jogo na sala junto com o resto da família (pais, tios e sobrinhos, os habitués). Mesmo do quarto, todos puderam ouvir seu grito na comemoração do gol do Flu. Era algo além de suas forças.

Na segunda-feira, Serginho estava de bom humor (leitor, o episódio que vou contar ocorreu uma semana antes de Tadeu entrar para a corporação, cerca de quarenta dias antes de Caio morrer).

O policial ocultou por baixo da roupa uma velha camisa do Fluminense, puída, daquelas sobreviventes das coleções de torcedores que acompanharam Rivelino & Cia. Era um bom dia para fazer uma cobrança. Ele vinha “fazendo bico” nos dias de folga, trabalhando como segurança. Era chato, mas teria que ir direto a quem o contratou. Já lhe deviam uma quantia considerável. O contratante, do ramo do comércio, era gente boa. E ele já havia cobrado ao gerente, não podia ficar esperando a vida toda. O gerente disse que o patrão estava viajando. Ele ia bater na porta e conferir.

Os planos, no entanto, foram modificados. De última hora, uma denúncia anônima: um indivíduo estaria carregando cocaína em uma mochila jeans. O denunciante deu todas as coordenadas do trajeto do suspeito. A ele só coube parar o cara e averiguar se a acusação procedia.

O suspeito era jovem: 20 anos. E sentiu-se muito constrangido com a abordagem da polícia. No entanto, não havia escapatória. Havia cocaína: um papelote, apenas. Serginho tinha esperança de encontrar bem mais do que aquilo. Nunca se fazia este tipo de denúncia em relação a quantidades irrisórias. Também era inusitado que o denunciante ligasse para a própria delegacia, uma vez que havia números especiais para quem quisesse dar informações. Números mais seguros, diga-se de passagem. O rapaz se esvaía em choro, dizendo que aquele pó não era de sua propriedade. O policial mantinha o semblante azedo:

— Para onde você pensava que ia?

— Eu ia para a faculdade...

— Essa hora da manhã? — o policial tentava pressionar o jovem.

— Minha aula é de manhã.

— Você ia para vender drogas, não é? — na realidade, nem o policial acreditava que estava tendo a cara-de-pau de chamar de traficante quem carregava tão pouco. Serginho segurou o próprio riso, enquanto esperava a resposta.

— Isto não é meu.

— É o que todos dizem. Você sabe o que vai acontecer agora que será fichado? Você estragou a sua vida, moleque.

— Eu sou inocente... — dizia, continuando o choro.

— Você está à margem da lei, você é um marginal. E vai pagar. Por causa de babacas como você, o tráfico manda no mundo inteiro. Você mereceria que eu te arreentasse. Mas vou te dar algo pior: a lei. Será fichado, o que o prejudicará muito quando você tentar um emprego. Ninguém vai querer saber de você quando descobrirem seus antecedentes criminais.

— Por favor, isso não! — gritou o rapaz, apavorado.

— Cala a boca, palhaço! Fez a merda e agora quer se safar?

— Por favor, eu sou inocente. Vamos tentar... um acordo? — arriscou o jovem, amedrontado com a possível reação do policial.

— Quanto você tem? Olha, se você me der 400 reais, eu te livro. Mas com uma condição, que é a de nunca mais te pegar. Como eu te flagrei com pouca droga, vou te dar essa moleza... — respondeu Serginho, que queria encerrar logo a história, estando sem paciência alguma com o rapaz.

— Olha, eu não tenho dinheiro nenhum. O que eu tinha, eu gastei. Minha conta está quase vazia. Meu acordo é que você me solte, e eu prometo que pode me revistar sempre que me encontrar, pois nunca mais vai me achar com nada ilegal. Eu mesmo me revistarei antes de sair para qualquer lugar. Essa cocaína não é minha, eu não uso droga. Agora, alguém fez isto comigo, não sei o porquê.

— É este o acordo?

— É.

— Você pode pedir algum dinheiro a alguém da tua família?

— Prefiro mofar na cadeia a dar este desgosto a eles — exclamou o jovem, bem dramático.

Era o fim da picada, tudo aquilo. O policial puxou o rapaz pelo casaco e o levou para a delegacia. E deixou-o esperando, transtornado, em uma sala.

Quarenta minutos depois, Serginho voltou com um número de telefone anotado em uma folha de papel.

— Você conhece isto?

— É da minha casa! Como você descobriu?

— É também o número de quem fez a denúncia contra você.

O rapaz pôde então conferir, perplexo, a gravação da voz de quem o havia acusado, a mesma pessoa que armara tudo, colocando a cocaína na mochila: Renato, seu próprio pai.

Serginho percebeu que Leonardo falava a verdade durante a abordagem na rua. Ele não parecia mentir. O “acordo” que ele havia proposto selara sua inocência: ninguém teria coragem de se oferecer para ser revistado todo dia, se não fosse muito, muito inocente mesmo. Ou louco.

Seu pai teria que depor na delegacia sobre os motivos daquela farsa. Já fora intimado.

O irônico é que assim que se encerrou aquela confusão, Serginho foi chamado para dar uma ajuda ao delegado, em um caso em Copacabana. E chegando lá, a maior surpresa: era o endereço do seu contratante, o dono das lojas de tinta. Exatamente aonde ele iria naquela manhã. Sandro, que lhe devia uma quantia, não estava. O morto era um rapaz, o filho. Com o pescoço quebrado. Algumas marcas poderiam indicar que houvera pressão de mãos. Mas isto não era uma conclusão definitiva. Além disso, havia uma mulher de quarenta e poucos anos, que dormia junto ao falecido. Ela acordou assustada com os flashes dos jornalistas. Uma figura melancólica.

Serginho concluiu que era grande a possibilidade de se tratar de um caso de assassinato. Mas o suicídio não estava totalmente descartado. O rapaz, filho de Sandro Dickens, poderia ter se envenenado. Ou, quem sabe, havia também a chance de ele ter sofrido um ataque cardíaco em decorrência do abuso de alguma droga. Quebrar o pescoço poderia ter sido consequência de uma queda. E quem garante que não haveria outra pessoa envolvida? Alguém forte o suficiente para

colocá-lo na cama (com certeza, aquela mulher não conseguiria a proeza)? O crime dava margem a várias especulações, por menos prováveis que fossem... O sangue de Erik teria que ser analisado por um especialista. Não só o sangue como algumas impressões digitais e tudo o que fosse pista. Exame de DNA também seria fundamental para qualquer conclusão. Sandro, o pai, era uma figura importante: um cara que havia contribuído para financiar a campanha política de algumas figuras conhecidas do Rio. Aquele caso teria que ser esclarecido.

No entanto, Serginho teve uma constatação. Se ele entendia de destino, o crime fora cometido na parte da manhã. E ele só não conseguiu evitar aquela morte porque mudou a sua rota para cuidar da denúncia telefônica. A vida mostrava sua verdadeira face, a de um dominó selvagem. Um jogo decisivo de futebol, um torcedor fanático, um grito de gol, uma cilada... uma morte que poderia ter sido evitada. Seria difícil imaginar uma seqüência mais bizarra. Mas era assim que funcionava. Às vezes, a natureza parecia conspirar de maneira fatal. Uma das frases que Serginho mais ouvia na profissão resumia bem isto: "Era o dia dele". Havia também a outra face da moeda, a "Não era mesmo o dia dele", dita quando alguém dava um novo sentido à palavra milagre.

OLHOS VERMELHOS

— As mulheres querem um príncipe encantado. E os homens querem uma princesa. Entendem o que eu digo? Percebem a sutil diferença entre homens e mulheres? — Cecílio esperou que alguém da turma respondesse, mas, diante do silêncio, ele mesmo explicou:

— Para o homem, basta que a mulher seja uma princesa. Para a mulher, não é suficiente que o homem seja príncipe, só serve se for “encantado”. É por isto que é tão alto o índice de homens que perdem a mulher, logo depois de perderem um bom emprego. É que eles deixaram de ser “encantados”.

Cecílio olhou bem para a turma. Era a turma dos alunos mais aplicados. Mais do que isso, era a turma com mais “geniozinhos” de matemática. Uns moleques arrogantes que já haviam feito até uma lista para a direção solicitando que ele não se distanciasse tanto do assunto de sua aula. Esta turma seria brindada com a prova mais difícil, aguardem, pensou Cecílio.

As idéias ditas à turma eram generalizantes demais, vistas como machistas por amigas e alunas de Cecílio. Mas eram fruto da visão comprometida pelo ressentimento que marcou sua vida. Débora era o nome da criatura, tudo acontecera há mais de 20 anos.

Débora era noiva de um médico. Cecílio conheceu-a e começaram um tórrido caso. A atração de Cecílio por Débora era quase irracional. Ficava tonto de tanto tesão só de vê-la passar do outro lado da rua. Isto, mesmo bem antes de iniciado o caso entre eles. Apresentados por um amigo em comum, eles foram conversando e se aproximando até que, finalmente, começaram um relacionamento. Débora trazia uma promessa nos olhos: era uma versão feminina do que seria o protótipo do cafajeste masculino. Não que ela fosse masculinizada, pelo contrário, era suave e extremamente feminina. Falava do médico, seu noivo, como se este significasse para ela apenas uma chance de ascensão social. E flertava com Cecílio, elogiando a aparência dele e suas qualidades. Ela encarnava uma permanente promessa de sexo sem compromisso. Uma mulher sem vergonha de ser infiel e interesseira seria muito excitante para Cecílio, na época tão afeito a regras. Ela iria “dar” para ele, mesmo sendo noiva. O noivo no plantão ajudando gente doente, e ela no motel com o professor...Se isto parece bobagem hoje, na época, há décadas, tinha uma certa importância. E Cecílio era bem jovem, inexperiente e estava entusiasmado com a idéia.

Eles tiveram um caso durante seis meses. E justamente o fato de que tudo fosse comandado pelos instintos foi o que fez Cecílio sentir-se tão enredado pela situação. Era irônico que o mais sedutor naquela história toda era a gratuidade do caso. Em contraponto ao noivado e às palavras de amor do médico lá estava o quesito selvagem, o sexo proibido(para ela, que era noiva) e a mentira, a traição. E só ele tinha pudor, achava-se meio sem caráter. Débora era escrachada: “Eu não valho nada”, gritava, às gargalhadas. E tudo ia ficando cada vez mais engraçado, na cumplicidade daqueles dois amantes. Quando Débora percebeu que os encontros estavam divertidos demais e cada vez mais freqüentes, resolveu não arriscar: afastou-se de Cecílio e optou por dar uma prensa para ver se o médico casava com ela. O professor só se deu conta do seu envolvimento naquele instante de grande amargura.

Após tudo isto, um ano depois, ambos se reencontrariam e reatariam a loucura toda. E duraria mais seis meses. Até que Débora encontrasse alguém que fosse mais “respeitável”, ou melhor, que pudesse lhe acenar com mais possibilidades futuras do que um professor. Cecílio fora chutado

de novo, mas desta vez não se aborreceu como antes. Ela não merecia o seu sofrer, na realidade, nunca havia merecido. Cecílio percebeu que um professor poderia ser um príncipe, mas nunca um príncipe encantado.

Quando eles romperam da primeira vez, sobrevieram várias interrogações. Uma delas: como é que um relacionamento em que nunca se falava de amor ou planos para o futuro havia se tornado vital para Cecílio? Ele e Débora só transavam, então porque era tão significativo assim? Cecílio não entendia, pois era muito reticente em relação ao valor que uma relação meramente sexual deveria ocupar em sua vida. Só que aquela relação não era meramente sexual, e seu erro foi desconsiderar o poder de uma boa transa. Mas após o segundo rompimento, Cecílio aprendeu a não subestimar o prazer... e também a não menosprezar a força que uma mulher decidida a vencer na vida tem, ao apelar para razões racionais, para não dizer mercantilistas.

Cecílio foi para casa, enquanto pensava em Débora e no que ela havia se tornado. Ela era um símbolo. Ao lembrar-se dela, ele estava pensando em si mesmo. Na própria inocência e juventude, irremediavelmente perdidas. Ficou o homem, o ressentido.

Em casa, o professor encontrou Carol, a ex-namorada de seu irmão. Ela havia voltado a freqüentar a casa deles. Cecílio torcia para que ela reatasse com Pedro. Carol era meiga, inteligente. Uma mulher independente e linda.

Pedro dormia no sofá. Ela assistia atentamente a um filme de Truffaut, que passava de madrugada. Cecílio viu o prazer com que ela absorvia as imagens. Aquela garota ruiva parecia ter saído de “Duas inglesas e o amor”, uma das obras-primas do mestre francês. Cecílio pensou que, se tivesse uma câmera, poderia deixar o apetrecho estático em algum canto da casa, filmando a expressão de ternura daquela menina/mulher naquele momento.

Carol gostaria de recomeçar o namoro. Por que Pedro preferia ficar com Faustina?

Faustina era secretária onde Pedro trabalhava. Logo no mês em que foi contratado, Pedro esqueceu-se de enviar um e-mail, um pedido importante do patrão. Um esquecimento normal, uma vez que Pedro fazia de tudo na empresa, desde digitar textos a atender clientes, e solucionar problemas. Pedro poderia até ter sido demitido em virtude do esquecimento, caso Faustina não tivesse se responsabilizado pelo erro, alegando que ela mesmo havia se incumbido da tarefa. O prestígio de que gozava na empresa impediu-a de ser mandada embora, mas não evitou que levasse uma séria reprimenda. A ajuda de Faustina a Pedro, aparentemente sem motivo algum, apenas movida por algum tipo de solidariedade, era o começo do envolvimento entre ambos...

Faustina não era a pessoa mais agradável do mundo. Muito pelo contrário. Aos 35 anos, era uma mulher muito, mas muito estranha mesmo. Sua voz era aguda, e ela realçava esta “qualidade” com muitos berros e gargalhadas forçadas, daquelas que fariam a bruxa da história de Branca de Neve corar de inveja. Na realidade, era uma mulher nada amorosa. Sobre crianças, ela dizia:

— EU ODEIO CRIANÇAS! ABOMINO!

Sobre pessoas de idade, a opinião também não mudava muito:

— DETESTO VELHOS, GENTE VELHA! NÃO SUPORTO!

Claro que as pessoas não têm obrigação de ter sempre uma opinião politicamente correta, porém é muito desagradável conviver com uma pessoa que odeie a humanidade.

Na primeira vez em que Pedro a convidou para visitá-lo, surgiram os primeiros indícios de que aquele não seria um relacionamento, digamos, “normal”. Cecílio preparou uma macarronada, uma vez que a convidada dizia ser fã de massas, segundo Pedro. Logo, a primeira surpresa:

— Agradeço, mas não como massa. Engorda muito, e eu já passei dos 30...

— Pera lá...você não disse que adorava? — inquiriu o namorado.

— Gostar, eu gosto. Mas não como. Podem comer vocês.

— E você, não vai comer nada? Experimenta o meu macarrão, só desta vez. Você não vai engordar por causa disto — argumentou Cecílio, percebendo que a visita estava muito mais para subnutrida do que para obesa.

Faustina serviu-se com uma colher quase vazia. E disse que estava ótimo. Antes das 21h, ela pediu para Pedro levá-la em casa. Era uma chata.

Pedro, de 25 anos, um rapaz com vigor físico, acabou abrindo o jogo com o irmão.

— Ela só quer sair para jantar em lugares caros, e logo após, quer ir para casa. Eu já fiz de tudo. Sexo, nada.

— Estranho, ela já não é mais garotinha — disse isto, e logo se lembrou, saudoso, de Andressa, sua ninfeta.

— Será que ela é virgem?

— Isto você é que tem que saber, a namorada é sua. Agora, é mais provável que se trate de uma pessoa traumatizada.

Uma das músicas de que os fãs mais gostavam no disco do Vilipêndio era “Olhos Vermelhos”. Foi uma das primeiras composições da dupla Caulfield-Bukowski. A letra foi uma coletânea de vários rascunhos extraídos de um caderno do vocalista. Houve quem achasse que fosse uma canção sobre drogas, mas era sobre a paixão, o desvario. O fim era apoteótico, em sua psicodélica destruição:

“Fogo!Fogo!Fogo!

Quero queimar no inferno do seu ventre!

Beber o vinho no pergaminho da sua língua!

Acender a chama do seu amor até me tornar...carvão sem vida!”

O ex-integrante do grupo, Alexandre, queria que fosse excluída a palavra “inferno” da letra. Engraçado, ele jamais havia prestado atenção às letras da banda...até se tornar evangélico. Então subitamente aprendeu todos os versos. Talvez este milagre fizesse parte da conversão...

No lugar dele, entrou Nílson, que ajudou a unir a banda. O disco do Vilipêndio foi gravado com o guitarrista Márcio tocando o baixo em todas as faixas. Quando o trabalho estava para ser lançado, o grupo precisava encontrar um baixista, uma vez que Márcio ficaria na guitarra, seu instrumento de origem. E quando Alexandre avisou que sairia do grupo, foi um terror. Precisavam de um baixista e de um baterista. O CD quase pronto, e a banda se resumia a Márcio e Ricardo. A solução veio com Marcelo, o baixista, um camarada de Márcio. E Nílson completou o time. Dois tricolores(Márcio e Ricardo), um flamenguista (Marcelo) e um vascaíno (Nílson) com objetivos comuns.

Pedro foi conhecer a família de Faustina. Eram sisudos ao extremo. Ao receber bom-dia da visita, o pai da moça abriu a cortina da janela para conferir a possibilidade daquela “previsão

meteorológica”. Seria engraçado se não fosse sério. O homem de idade olhou para as nuvens um bom tempo antes de responder:

— Acho que vai ser um dia chuvoso, meu jovem.

Pedro teve vontade de sumir dali. O homem era um ex-militar, cujo jeito de andar indicava que a sua casa era agora o seu quartel. O almoço ia bem até Pedro dizer que tinha 25 anos.

— Você é muito garoto para andar com nossa filha — resmungou a mãe.

— Isso é problema meu, mãe! — respondeu imediatamente Faustina.

— Ele só vai querer se aproveitar de você, não vai casar contigo! — gritou a enfurecida progenitora, ao mesmo tempo em que revelava aquela que parecia ser a grande motivação da vida da filha: casar-se.

Faustina levantou-se quase espumando e berrou para Pedro, puxando-o com uma força quase masculina: Levanta e vamos embora agora!

Pedro sentiu quase medo daquela criatura desfigurada pelo ódio.

Logo, Faustina voltou para casa. Ela não deitava depois das 22h. Naquela noite, um sonho estranho. Quase uma irresponsabilidade.

Em uma cama cercada de água, Faustina abraçava-se nua com um homem forte. O homem, cujas costas eram as únicas partes visíveis, penetrava-a de maneira rude. Ela gritava, gemia, ardia em uma luxúria desconexa, fruto da irrealidade de uma outra dimensão. As unhas de Faustina fincavam-se nas costelas do homem, fazendo escorrer o sangue. Então ele urrava de dor, levantando a cabeça, de forma que podíamos ver o seu rosto...ele é um suíno! Um porco! Corpo de homem, com aquela cabeça asquerosa! Faustina acordou subitamente, tonta, confusa... De desejo, culpa e nojo.

Este era um sonho recorrente: não era a primeira vez que ela sonhava com o porco. Mas, depois, era sempre a mesma surpresa, o mesmo constrangimento. Faustina olhava em volta, com receio que alguém pudesse ter visto o seu sonho. Era algo acima de suas forças...

Se Andressa tivesse os conhecimentos e a sensibilidade de Carol, então seria perfeita. Mas Carol não precisava da beleza de Andressa, pois era muito mais bonita do que a adolescente. No entanto, Cecílio preferia fazer este tipo de mistura “transgênica”. É que o professor sentia-se constrangido em ter qualquer tipo de fantasia envolvendo a ex-namorada de seu irmão. Afinal, era muito provável que eles voltassem a namorar um dia. Carol ia quase todos os dias a casa deles. E a tal Faustina parecia não dar no couro...

Em uma noite, Pedro dormiu vendo a televisão. Passava o filme “O fundo do coração”, as lágrimas escorriam pela face de Carol. O filme, que levou o diretor Francis Ford Coppola à bancarrota, tinha fiéis seguidores. Para Cecílio, era romântico demais. Mas havia Nastassja Kinski, um bom motivo para ele sentar e rever aquela história de encontros e desencontros. Carol estava quase aos prantos. E se Cecílio chorasse, seria por saudade da época em que também se emocionou com aquela obra.

Sexo era uma coisa proibida para Faustina. Ela fizera poucas vezes, nunca por prazer. Todas com o ex-noivo. Ela tinha nojo, lembrava de como a mãe se referia às suas amigas de colégio, aquelas “desqualificadas, gatinha”. O pai já dizia, mesmo antes que ela completasse 11 anos:

— Faça o que quiser de sua vida, mas não vire uma piranha!

Faustina tinha nojo. Tinha medo. No princípio, aquilo era para as outras garotas, as desqualificadas (como dizia sua família), e depois, coisa de mulheres vulgares. Mas agora era a hora de quebrar as regras. Ouviu demais os pais, e tudo tinha dado errado. Era preciso mudar. Talvez se ela fosse mais flexível, conseguisse um companheiro mais constante, que gostasse dela. E, sobretudo, aquele sonho vinha se repetindo e fazendo do desejo, um intruso insuportável na vida de Faustina. Era preciso saciar o desejo, a única alternativa para que ele fosse embora.

Pedro ficou apavorado. No começo, soava bem: transar com Faustina. Mas depois, a história das condições que ela impôs... De madrugada? Ok.. Mas no Lixão? NO LIXÃO???

Não seria perigoso para ambos?!!

O depósito de lixo ficava a algumas quadras. Eles foram de carro. Não havia ninguém, ou seja, deveria ser perigosíssimo. Além do que, qual seria a reação de Faustina se surgisse um mendigo? Afinal, todos os dias ela repetia odiar os pobres, querer distância deles.

Não, Pedro não teria nenhum prazer naquilo. E queria entender os motivos. Ela omitiu os sonhos suínos, mas avisou-lhe que o fato de ser arriscado faria com que a descarga de adrenalina a levasse mais rapidamente ao prazer. Dito assim, parecia uma questão puramente técnica. Ou seja, Pedro pensou que fosse um caso crônico de atração pelo perigo. Ela avisou-lhe:

— Faz rapidinho, pra gente não se arriscar muito..

Como se ele pensasse em demorar...

O cheiro era insuportável. E ela quis transar bem no meio daquela área. Ali, eles pisavam em coisas de odor fétido, que a noite impedia de serem reconhecidas...para sorte deles. Ela veio estrategicamente de saia. E colocou os joelhos nus naqueles dejetos. Pedro também apoiou os joelhos, com vontade de vomitar. Nem ele sabe como conseguiu uma ereção... Alguns minutos foram suficientes para que a mulher chegasse ao prazer. Pedro fez o que nenhum homem pensa em fazer algum dia: fingiu um orgasmo. Depois, deixou a camisinha ali mesmo, no Lixão. Durante a transa, ele sentiu uma grande repulsa por Faustina. Chegou mesmo a pensar na suavidade de Carol, no amor que fizeram durante muito tempo em suas vidas. Então, ele se deu conta de que pensar em Carol naquele lugar, durante aquela cena tão degradante, era uma tremenda falta de respeito com a sua ex, agora querida amiga. Chegou a pedir desculpas, em pensamento.

Quanto mais conversava com Carol, mais perplexo Cecílio ficava com a opção de Pedro por Faustina. Então, a sós, Pedro lhe explicou que Faustina tinha qualidades muito singulares:

— Às vezes, ela parece que detesta todo mundo. Mas comigo é diferente, ela faz tudo para me agradar... Um dia, no trabalho, eu estava nervoso e até gritei com ela. Antes mesmo que eu pedisse desculpas, ela já havia me perdoado.

— Olha, é bom prestar atenção. A tendência é que, se ela trata a todos com frieza e antipatia, é possível que venha a te tratar assim também...

— É diferente, ela gosta de mim...

— Este é o problema... acho que sei do tipo de garota que ela é.

— Qual é o tipo?

— Mulher casadoira do pior tipo: de mais de trinta anos. Ela acha que está ficando velha e quando encontra alguém interessante, passa a fazer qualquer sacrifício para tentar casar com a pessoa. Se ela realmente se incluir nesta categoria, então ela não gosta de você, mas da possibilidade de

casar contigo. Hoje, você pode até cuspir na cara dela, que ela vai te perdoar. Mas é porque ela tem um objetivo bem definido, por isso topa qualquer parada.

— Talvez você tenha razão, mas eu não pretendo casar tão cedo... Além do que, acho que nosso namoro está tomando um rumo muito esquisito... — finalizou Pedro, sem dar detalhes.

Nas semanas seguintes, Faustina e Pedro foram mais seis vezes ao Lixão. Cada vez ela gostava mais, e ele, cada vez menos. Ele tentou levá-la para a cama. Mas ela não queria. Ainda mais que da última vez que foram ao Lixão, ele havia imitado, por deboche, o barulho que os porcos fazem. E Faustina considerou aquilo um dos pontos altos da vida sexual de ambos. Ela queria que ele fizesse de novo. Na realidade, ela comprara uma grande máscara de suíno para que a coisa ficasse ainda mais real. Para Pedro, aquilo era o fim da tudo. Acabou. Ele não ia colocar a máscara, e pronto! Ela chorou.

Ela ligou para ele muitas vezes, com a voz suave, tentando impedir o rompimento. Mas a conversa sempre acabava em um pedido que era quase uma súplica:

— Amor, eu te adoro! Não vivo sem você. Vamos fazer amor, por favor!

— Aonde? — perguntava Pedro, já desconfiado da resposta.

— Você sabe onde. Onde a gente sempre faz.

— Eu só transo contigo se for em uma cama.

— ENTÃO DANE-SE, PORRA!

O diálogo repetia-se quase que diariamente. Até que Faustina mudou a tática:

— Se você não for comigo, eu vou ficar chateada contigo...

— E daí?

— Talvez o seu patrão não goste de saber que foi você quem esqueceu do e-mail. E eu só assumi a responsabilidade porque você me ameaçou.

— Mas eu não te ameacei de nada! É mentira!

— Ou você vai comigo, ou vai para o olho da rua.

E eles foram mais uma vez, mas Pedro não conseguiu uma ereção. E mais outras duas vezes, sem que conseguissem fazer nada. E Faustina, sentindo-se humilhada e atribuindo a si a falta de vontade do parceiro, desistiu da relação. E ainda por cima, perdeu a chance de tentar levá-lo ao altar. “Ele não tinha mesmo caráter, afinal, me usou e depois quis me largar, sem mais nem menos” — pensou ela. “Eu até fiz sexo com ele!”

Do outro lado, a atenção desinteressada de Carol foi um verdadeiro bálsamo para que Pedro curasse suas chagas no espírito. Era como se fosse um daqueles veteranos do Vietnã que voltam ao carinho do lar. Era um sentimento bem cinematográfico. Do inferno ao paraíso, ele estava com olhos vermelhos de emoção.

— PORRA, EU NÃO ESTOU IMPOTENTE! — gritaria Pedro, entusiasmado, ainda naquela noite, durante o amor, horas depois de jantar com Carol um saboroso prato de massas.

MEDO

Nílson, baterista do grupo Vilipêndio, tentava entender os próprios medos. E para vencê-los era preciso destrinchá-los. O que era o medo a não ser um não-querer? Fulano não quer ir ao dentista porque NÃO QUER sentir dor.... outro cara não quer dirigir porque acredita que um dia irá bater e NÃO QUER se machucar... Era preciso compreender as chances reais de acontecer a tal coisa que não se deseja. O dentista te enche de anestesia, você não vai sentir dor. Então o medo se torna obsoleto. Falando assim, parece fácil.

Nílson tinha medo que a banda ficasse estigmatizada pela violência, identificada com a morte do garoto. E marcou uma reunião do grupo para debater o assunto. Nesta, o baixista Marcelo propôs:

— Vamos ver de que ele morreu. Dependendo das circunstâncias, acho que vão aliviar qualquer tipo de responsabilidade que queiram colocar no som da banda.

— Nós não temos responsabilidade alguma nisso. Ninguém se preocupa se um cara ouviu MPB antes de morrer. Um sujeito pode ficar o dia inteiro ouvindo a Família Naymmi e dar um tiro na própria cabeça, que ninguém vai fazer nenhum tipo de analogia(“mas acho que antes do tiro na cabeça, ele morre de tédio”, debochou alguém) — protestou Ricardo.

— É, se o indivíduo ouviu punk-rock ou heavy-metal, dez dias atrás, então pronto! Foi influenciado pelo som! — reforçou Nílson, irônico.

— Além do que — continuou Ricardo — quase não existem casos de rock, seja heavy-metal ou punk, ligados a casos de violência. A violência dos punks geralmente ocorre em passeatas e manifestações do gênero, é uma manifestação ideológica, concordemos ou não. Já nos shows, as brigas ocorrem quando se apresentam artistas de gêneros da moda, onde vão as patricinhas e os arruaceiros com conhecimentos de jiu-jítsu. O nosso tipo de música está ligado a uma forma de protesto, os fãs entendem que não é apologia à violência, mas uma maneira de contestação de valores sociais. E vão aos shows só para curtir de forma saudável...

— Mas tem muitas bandas de rock pesado tão alienadas quanto as piores bandas comerciais (“e uma banda pop também pode fazer música com letras conscientes” enfatizou Nílson). Até no punk rock, tem grupos que fazem uso do ritmo sem incluir nenhum tipo de crítica, e olha que as letras são muito importantes neste estilo — interveio Márcio.

— Você tem razão, nem todos os grupos de rock adotam comportamentos típicos do estilo em que estão inseridos, e eles têm o direito; se não houver liberdade vira a história do flautista com os ratos hipnotizados seguindo-o, sem vontade própria — explicou Ricardo.

— Voltando ao tema da reunião, eu acho que o importante é questionar qual é o verdadeiro grau de influência que determinados tipos de arte têm sobre o comportamento social. Será que uma letra de rock pode realmente desencadear algum tipo de comportamento anti-social? Ou será que a pessoa propícia a este tipo de atitude é como uma bomba-relógio, que pode estourar a qualquer momento? É estranho, mas eu não ouço ninguém dizer que um livro pode influenciar alguém a algum tipo de violência... — expôs Nílson, tentando evitar que o debate perdesse o fio da meada.

— É mesmo. E tem o seguinte: o rock pesado é direcionado a uma parcela de público específico, que compreende o contexto daquela obra. Já a violência televisiva está aberta para qualquer um... — disse Marcelo.

— A literatura coloca no leitor a responsabilidade de construção de imagens. A música também deixa para o público a responsabilidade de construção e interpretação. Acho bem distinto do cinema e da televisão, que já dão as imagens prontas, muitas vezes sem possibilidade de outra interpretação... — continuou Ricardo, empolgado com a conversa.

— Mas não acredito que o cinema e a televisão possam ser responsabilizados por brigas, mortes e outras coisas. Acho que existem pessoas que são como zumbis, facilmente sugestionadas — opinou Nílson, para Ricardo emendar:

— Eu concordo, mas acredito que estes veículos têm que ter um pouco mais de responsabilidade, pois não dão liberdade para o público interpretar as coisas de uma maneira mais particular. A imagem está pronta, mastigada, sem ambigüidade, na maioria das vezes. Na novela, um cara explodiu um shopping. Foi suficiente para um rapaz na Tijuca tentar fazer o mesmo com um shopping real. Claro que o cara era perturbado... mas acho a influência deste meio de comunicação muito mais palpável do que a da música e a da literatura.

— Então você é a favor da censura? — perguntou Nílson

— Acho, por exemplo, que um filme como “O massacre da Serra Elétrica” não deve ser censurado, quer dizer, também não deve passar na parte da manhã, é claro. Não deve ser censurado, mas é importante que as pessoas que programam TV ou produzem cinema entendam que este tipo de coisa é degradante para a raça humana. Não é metáfora, nem protesto, apenas comercialismo degradante, oportunista. Este tipo de filme de terror apela aos instintos básicos do homem. Quem assiste, o faz pelo prazer de sentir medo, ou melhor, de sentir algo próximo ao horror. E ninguém vê pela segunda vez, pois o filme é baseado apenas no medo. Acabada a surpresa, acaba o medo, acaba esta “obra de arte”. É diferente de um filme de Hitchcock, que se baseia em dimensões psicológicas importantes do ser humano. Você pode ver “Psicose”, “Pacto sinistro” ou “Festim diabólico” quantas vezes quiser — disse Ricardo, em alusão à questão formulada.

— Você não pode comparar Hitchcock com estes borra-botas do cinema estilo “sexta-feira 13”! — protestou Marcelo.

— E “Scarface” de Brian de Palma é uma obra espetacular e tem gente sendo serrada. E aí, como ficam seus argumentos? — interveio Márcio.

— Quando eu falei de serra elétrica, estava pensando em filmes de horror. Em todo caso, acho que “Scarface” foi realizado há muito tempo, e não sei se seria filmado da mesma forma hoje, em um mundo já tão cheio de crimes. Acho que há uma tendência de que as pessoas comecem a ficar estressadas com a violência real e queiram vê-la suavizada nas telas...

— Recorrer a imagens chocantes é realmente uma forma de se prender o público através de suas emoções mais básicas — disse Marcelo, que estava muito quieto.

— E, para mim, mesmo um filme aclamado, como “Instinto Selvagem”, pode ser uma obra que só se sustenta na primeira vez. É só baseado no suspense, é escravo dele, e também da reação de surpresa do público... Se você já sabe o que vai acontecer, ninguém mais fica chocado. E quando acabam os sustos, você percebe que as motivações dos personagens são frágeis, e o perfil dos protagonistas também. É que se sacrifica a lógica e a consistência de um roteiro em função do suspense. Em outro filme que vi, uma velhinha dócil carrega uma faca dentro da bolsa para induzir o público a pensar que ela é uma assassina. Só que depois, a personagem não é criminosa, pelo contrário, é uma pessoa dentro dos padrões. E dane-se o fato de terminar o filme sem o público

saber porque uma velhinha tão boazinha carregava uma grande faca na bolsa (de preferência igual a que o assassino usava). Dane-se o público, os personagens e o roteiro. Viva os sustinhos e gritinhos da platéia, ou seja, os instintos básicos da platéia (Instintos selvagens, gracejou alguém). É como uma comédia: poucas sobrevivem, depois que se assiste a elas uma primeira vez — continuou Ricardo, distanciando-se cada vez mais do assunto da reunião. Era sempre assim, nunca se decidia nada...

Hermes Polaco estava indo para casa naquela tarde. Meninos na rua entregavam-lhe cartões: “Compra-se ouro”, “Cartomante Mãe Efigênia”. Ele lia e jogava-os no chão, sem nem vislumbrar a possibilidade de colocá-los nas várias latas de lixo que surgiam no decorrer do trajeto. Ele jogava-os com raiva. Era a síntese do seu estresse: não colaborava mais com ninguém, em ocasião alguma. Ser legista durante 20 anos, analisar todas aquelas provas sórdidas daqueles crimes, quase sempre por motivos medíocres.. Isso arrasa a boa vontade de qualquer ser humano.

Um dos meninos(alguns eram adultos, mas, para Hermes, mesmo se fosse uma múmia, não importaria, eram “pivetes”, e pronto) deu-lhe um cartão que chamou sua atenção: “Rockin - A melhor loja de CDs de rock pesado! Novidades importadas, nacionais, piratas, independentes!”

Hermes lembrou do caso de Copacabana, pelo qual estavam esperando o seu parecer. Na cama, aos pés do morto, havia um disco de um grupo destes bem barulhentos.

Outra lembrança também veio: a filha, de 18 anos, que faria aniversário na próxima semana. Ela adorava rock, e quanto mais ensurdecedor, melhor(para o gosto dela, evidentemente). Uma das bandas chamava-se Nalpalm Death, ou coisa parecida. Ele mesmo, Hermes, chegou a gostar de rock, há 25 anos atrás. Foi uma fase rápida de sua vida. Gostava de Led Zeppelin, Slade, Nazareth e Pink Floyd. O disco ao vivo do Slade, o vermelho “Alive”, guardado durante tantos anos, acabou sendo dado de presente para o filho de um dos amigos da polícia. O moleque ficou curioso, pediu para escutar, e, naquele instante, nascia um novo roqueiro. Isto foi há uns cinco anos atrás. Hoje o moleque tem uma banda de rock and roll. Rock and roll, será que este ainda é o nome?

As elucubrações de Hermes foram bruscamente interrompidas, junto com a sua vida. Uma bala surgiu, rasante, transpassando-lhe o peito. Era o fim. Algumas pessoas testemunharam que foi uma bala vinda da arma de um policial bem jovem, que perseguia, a tiros, um cara desarmado. Hermes morreu segurando o cartão, o anúncio da loja.

Na redação do jornal, Lúcia procurava Carlinhos, o estagiário. Tinha uma missão para ele. O legista do caso Erik Dickens havia morrido, com o cartão de uma loja especializada em rock, nas mãos. O título da matéria seria bem forte: Rock persegue caso Dickens. E o subtítulo: Morre Hermes Polaco, legista do caso Erik Dickens. A missão de Carlinhos? Recauchutar aquele box da ligação entre rock e violência, pois poderia ser publicado junto à matéria.

Carlinhos, que adorava rock, não acreditava que ia ter de reescrever aquelas bobagens. Mas era assim mesmo, era o seu primeiro estágio. O que ele queria? Escrever o editorial sobre a política econômica do Governo do Estado?

Sandro Dickens voltou para o Brasil no dia seguinte à morte do filho. Com ele voltava Sheila, sua esposa. O divórcio era um assunto tratado diariamente, mas agora ficaria em segundo plano. O que acontecera com o rapaz? Sandro já pressionava os altos escalões da polícia, tudo sob a égide do seu poder financeiro. Agora, com a morte de Hermes, tudo ficara mais nebuloso. Foi neste dia que surgiu um homem de uns 60 anos, de aspecto indecifrável. Era Lui de La Sombra, detetive

parapsicólogo. Queria falar com Sandro. A reunião foi na casa do comerciante, interessado em ouvir o que o homem tinha para falar-lhe sobre o falecido filho.

— Quando soube que Hermes morreu, percebi que teria de ajudar-lhe — disse, para, em seguida, exibir um álbum de recortes. Lui havia participado de maneira vitoriosa de várias resoluções de casos. Quase todos na década de 70.

— Eu estava recluso — explicou o detetive — mas agora quero voltar, preciso de dinheiro.

— Mas porque você acredita que este caso precise de alguém com poderes paranormais?

— Seu filho morreu de maneira misteriosa. Aos pés, um disco de rock pesado. O nome da banda é Vilipêndio, que é uma palavra que pode remeter a vilipêndio de cadáveres, prática muito usada em rituais do mal, entende?(nota do autor: a banda adotou este nome, buscando como significado “ofensa, afronta”, portanto a interpretação de Lui não procede).Recentemente, Hermes morreu em uma encruzilhada, no dia 13, com um cartão de rock pesado nas mãos. Todas estas circunstâncias são nebulosas. Você sabe que existem muitos músicos de rock ligados a seitas...

— Seitas sat... — tentou completar o comerciante.

— Não pronuncie nunca esta palavra! — interrompeu Lui, colocando sua mão na boca de Sandro. E continuou:

— Quero entrar no quarto de Erik, para sentir a vibração.

Sandro levou o detetive. Lá, Lui pediu para ficar sozinho. Não sentia ali nenhuma vibração. O quarto estava cheio de CDs e fotos de grupos estrangeiros de rock como Black Sabbath, Venom e outros. Lui trancou a porta. Ligou o ar-condicionado e deitou-se na cama. Que maravilha de ar-condicionado! Nunca mais Lui havia ligado o seu. Ele gastara todos os seus proventos, estava endividado. Tinha que voltar à ativa por causa disto. Agora, ia receber uma boa grana durante os três meses em que se comprometeu a resolver o crime. Ia ganhar, mesmo que não conseguisse descobrir nada. Lui se sentia velho. Quase 60 anos... nunca imaginou ter que voltar a trabalhar! Os investimentos não deram certo, as contas começaram a sobrepujar os dividendos. E aqui estava ele. Não havia nada que realmente indicasse a presença de algum componente sobrenatural no caso. Ele não era um farsante, sempre resolvera os seus casos. Estava precisando de grana, mas poderia haver algo do além na história, por que não? A idéia de “vender o seu peixe” para o milionário surgiu quando morreu o rapaz. Foi durante a leitura do jornal. Havia um destaque para as antigas relações entre rock e violência, enfatizando o que a matéria chamou de “lado sobrenatural” do rock. Depois, quando Hermes morreu e foi publicada novamente uma reportagem abordando o mesmo tema, ele pensou: É AGORA OU NUNCA! VOU VOLTAR À ATIVA!

Passaram-se duas horas, alguém forçava a porta. Lui acordou. Era Sandro, preocupado.

— O que houve?

— Entrei em estado hipnótico. A porta se trancou sozinha, ou talvez eu mesmo tenha sido induzido a fazê-lo.

— E o que descobriu?

— Seu filho... — gaguejou, e parou alguns segundos, sem ter o que dizer. Observou as paredes, disfarçando, com uma expressão de perplexidade, sua falta de assunto. Mas conseguiu salvar-se:

— Seu filho fumava maconha...muita maconha! — foi a dedução que Lui conseguiu obter naquele intervalo em que fitou as paredes e observou vários desenhos e quadros com a figura da tradicional erva cannabis. Só um usuário teria todos aqueles adereços como decoração. Mas, para o pai, o choque foi intenso:

— Ele usava drogas! Não acredito, nós sempre demos tudo para ele!

Sandro pagou Lui, e elogiou seu primeiro dia de investigação. No dia seguinte, os jornais estampavam a foto de Lui: “De volta à ativa”. Sandro ficou uma fera: malditos jornalistas, descobriram tudo rapidamente!

Mas ele estava sendo injusto com a imprensa. É que, no mesmo dia em que recebeu a grana, Lui contratou um assessor de imprensa para colocar seu nome novamente nos jornais. Porém Sandro não precisava saber disso.

Medo não é um sentimento, mas uma sensação. É algo que toma você, impede-o de raciocinar. Você não sente medo, mas o medo te sente. Pois você é o refém.

Pedro só sentia medo quando surgiam dificuldades em sua vida. Era um medo racional, que não extrapolava nem se tornava pânico. Era momentâneo. Já tanto Andressa quanto Cecílio sentiam medo beirando o desespero, mas por motivos diversos. Andressa, por ter perdido o irmão e estar na iminência da separação dos pais. E, Cecílio, por estar muitas vezes com Débora, sua antiga paixão, em sua mente, lembrando de todo sofrimento que ela lhe trouxera. O amor que fizera com Andressa parecia ter atraído o fantasma de Débora, um prenúncio do azar e derrota que poderiam estar por vir. Nada causava mais medo a Cecílio do que a alegria, o bem-estar. E Andressa o fez mais feliz naquela noite, portanto fê-lo também mais medroso.

Lui viu-se às voltas com os velhos pesadelos, um dos motivos pelos quais abandonara o seu trabalho, anos atrás, depois de construir um patrimônio decente. Naquela época, os sonhos só cessaram quando ele largou tudo. Mas desta vez ele iria até o final. Principalmente pelo fato de que aquele crime não parecia ter nada de paranormal. O assessor de imprensa ia fazê-lo conseguir mais casos. Era necessário, já que ele não teria dinheiro para pagar os próximos meses do trabalho do assessor. Além disso, ao retomar suas atividades, Lui voltou também a admirar os carros. E flertou com um modelo. Estava quase comprando.

A VIAGEM

Márcio Bukowski apresentou ao resto da banda Eidvaldo Gomez, conhecido no meio musical como “o Mexicano” ou, para alguns, “el bebedor de cerveza”. Ele vinha empresariando bandas de pagode, todas sem sucesso. Talvez o fato de que ele próprio odiasse aquele gênero contribuisse para a falta de respaldo do público. Agora, com o destaque que o Vilipêndio vinha alcançando, ele convenceu o grupo da importância de alguém que tomasse conta dos negócios. Para comemorar a nova parceria, Eidvaldo sugeriu:

— Isso requer uma cervejada!

Lá no bar, fez algumas promessas:

—Vou colocar vocês em todos os programas de televisão! Vocês vão aparecer para o povão! Todos vão cantar os sucessos de vocês!

Naquele instante, a banda percebeu que “o Mexicano” jamais havia escutado 15 ABISMOS, o trabalho da banda. Afinal, o disco não tem músicas para “todos cantarem juntos”. Eidvaldo ainda estava com a mente trabalhando no ritmos dos seus contratados anteriores, o Pagode do Chinês, o Sambabys(formado por crianças) e o Axé Sambaiano. Todos com músicas bem assobiáveis, sem querer aqui fazer um juízo de valor e desmerecer alguns artistas do estilo, que são bons(mas este não era o caso das bandas citadas).

“O Mexicano” (por sinal, um carioca nascido em Olaria, RJ) conseguiu, através de uns contatos jornalísticos(e, principalmente, por causa do interesse que o Vilipêndio vinha despertando após as mortes de Erik e Hermes), colocar o grupo, não nos programas de auditório, mas em alguns de entrevistas. A loura entrevistadora Emília Daniele entrevistou Ricardo Caulfield:

—Qual a importância que você atribui, enquanto compositor, para os elementos mediáticos na construção da imagem do artista? Este meu questionamento é porque vocês foram recentemente relacionados à caótica criminalidade que assola o Rio de Janeiro.

— Olha, primeiro, obrigado pela oportunidade de estar aqui e poder esclarecer qualquer dúvida sobre o grupo...

— Certo, mas você acredita que a dimensão lírica do Vilipêndio pode ter sido a razão precípua do episódio de Copacabana?

— Veja bem, nossas letras são para serem entendidas como uma manifestação artística de...

— Você não considera esta articulação uma forma de idiosincrasia?

— Pera lá, eu respeito muito a senhora, enquanto entrevistadora, mas não precisa ofender, não há na banda nenhum idiota...

— Olha, vou ter que interromper para os comerciais. Voltamos já-já com um ping-pong!

Na volta, Ricardo já havia entendido o significado de “idiosincrasia” e se desculpado com a loura entrevistadora. E ela introduziu um jogo:

— Eu digo uma palavra e você diz a primeira coisa que vem a sua cabeça. Música!

— Música? Andróide!

— Desejo?

— Mulher grávida!

— Você tem desejo por mulheres grávidas? — tentou entender Emília.

— Não, mulheres grávidas têm desejo. Não é pra dizer a primeira coisa que vem à mente quando você diz uma palavra? Então, eu lembrei da minha vizinha, Arlete, que está prenha... Outro dia, ela ficou berrando para o marido que estava com desejo de tomar cachaça de maracujá, aí...

— Espera um minutinho! Nós precisamos continuar o nosso joguinho. A próxima palavra é ...Dinheiro!

— Pasta de dentes!

— Dinheiro e você me diz pasta de dentes? Qual a relação?

— É que hoje de manhã tive que levantar e comprar pasta de dentes porque a minha havia acabado. Só que eu levei pouca grana, e fiquei devendo um real para o dono da farmácia.

— Olha, não está legal. Suas respostas estão péssimas. Tente responder com um mínimo de coerência, por favor. Este programa não é ao vivo, então vamos fazer de novo. Concentre-se desta vez. A palavra é ...mundo!

— Mundo Animal.

— Não pode! Mundo Animal é o nome de um programa que passa na emissora rival. Vamos de novo. Você gostaria de aprender a ...complete.

Diante da resposta de Ricardo, Emília sentiu que havia uma boa oportunidade de outro momento interessante do programa.

— Que legal que você gostaria de aprender a ler mão! — e perguntou se ele já sabia um pouquinho daquela arte, no que ele argumentou que sabia “o mínimo dos mínimos”.

De imediato, ela ofereceu a palma da sua, em um movimento repleto de charme, para que ele tentasse desvendar as suas linhas. Ele, sem entender nada, pegou a mão dela, e não soube o que fazer. Não se contendo, optou por dar-lhe um beijo nos dedos, para em seguida elogiar:

— Que mão linda!

A apresentadora ficou enrubescida, mas de imediato recompôs-se para saber o motivo daquele abuso:

— Você não disse que sabia ler um pouquinho de mão?

Ricardo começou a rir diante da confusão, agora esclarecida:

— Eu, não! Eu disse que queria aprender ALEMÃO, e que sabia um pouquinho de ALEMÃO!

Esta parte do programa foi cortada, aliás, acabou se tornando um programa mais curto, com mais comerciais.

Márcio foi “escalado” pelo “Mexicano” para responder às perguntas principais no programa de entrevistas do apresentador Rubens Solares, conhecido como O Programa do Magro.

O público não irá esquecer tão cedo o diálogo do apresentador com o grupo, que beirou o surrealismo. Parecia um jogo de tênis com duas bolas. Sobre o lançamento do CD, o entrevistador quis saber como fora a recepção. E um desatento Márcio respondeu:

— Não houve nenhum problema na recepção, a gente chegou e subiu, acho que já sabiam da gente. Nem pediram documento.

Como muitas bandas cantam em inglês, o apresentador quis saber o motivo da opção pela língua portuguesa. A resposta veio em forma de uma sucessão de piadas infames:

— A gente canta em português?! Ainda bem que você me avisou, porque não dá mesmo para entender nenhuma palavra que o Ricardo diz — explicou Márcio.

— As músicas são em português porque a gente quer lançar o disco em Portugal — respondeu Ricardo, em uma das piores observações da noite. O entrevistador ainda quis confirmar a possibilidade da informação ser verdadeira.

— Claro que gostaríamos de lançar o disco em outros países, mas não há planos para isto — disse Nilson, enquanto o apresentador pensava “enfim, uma resposta séria”, antes da conclusão, em tom jocoso:

— Lançar o disco em Portugal só se um passageiro de avião resolver jogar o disco pela janela... — emendou, entre risos, o baterista.

Rubens quis saber um pouco das crenças dos integrantes da banda. “Vocês acreditam em vida pregressa?”, perguntou.

O grupo se entreolhou, aturdido, como se acabasse de levar um golpe na boca do estômago. “Pregressa?” Marcelo, sensato, resolveu salvar o grupo:

— Sinto muito, Rubens, este é um assunto tabu para nós — tornando irônico que a única resposta séria fosse uma grande mentira. Que aliás, posando de culto, Ricardo acabou por jogar por água abaixo:

— Gente, deixa que eu respondo esta. Sempre houve civilizações muito evoluídas na antiguidade. Os egípcios, os astecas, os incas. Os gregos eram moderníssimos, mas nada descarta que tenha havido uma outra civilização antes deles...

— Sim, mas você escolheu os gregos como exemplo por quê? Só para eu me situar melhor... — quis saber o entrevistador.

— Por causa da sua pergunta, claro. Você não queria saber se nós acreditávamos em vida pré-grécia?

A entrevista foi subitamente interrompida quando, inquiridos sobre fatos pitorescos que houvessem marcado a trajetória do grupo, Ricardo começou a contar a história de uma fã que resolveu mostrar as mil utilidades de uma geléia de açaí (incluindo aí, o pote). Antes que a situação ficasse insustentável, Rubens “cancelou” a resposta.

— Sem querer interromper, e já te interrompendo, vamos para os comerciais, depois a gente continua — disse o apresentador, aborrecido.

A banda não voltou. “Infelizmente, eles tinham compromissos e não puderam continuar”, explicou o Magro.

Após o programa, uma constatação: eles haviam deixado escapar a oportunidade de divulgar o endereço da página na internet. Foi um lapso bastante prejudicial, uma vez que muitos discos são vendidos através do site. E esperavam uma pesada bronca do “Mexicano”, mas ele não tinha sequer ficado na platéia para assistir às malfadadas respostas da banda. Estava lá fora, no bar, conversando com uma morena. Quando a banda se aproximou, ele explicou:

— Esta é a Karen, ela é dançarina. Estamos conversando e pensando na possibilidade de ela vir a acompanhar o grupo nas apresentações. Ela poderia fazer umas coreografias sensuais.

Além de ligeiramente alcoolizado, Eidvaldo demonstrava que ainda não havia escutado os “15 ABISMOS”. Como uma mulher conseguiria fazer uma dança sexy para um som que parecia a trilha sonora do apocalipse?

Sandro conseguiu um encontro com aquela mulher, a tal que estava ao lado de seu filho, no dia fatídico. Marcaram um jantar. Ela compareceu em um belo vestido azul, e com uma maquiagem caprichada para esconder rugas e olheiras. Mas nada mudaria o seu aspecto, precocemente envelhecido. Parecia ter mais de 50, bem mais do que os seus quarenta e poucos.

— Gostaria de saber o tipo de relacionamento que vocês tinham — explicou Sandro

— A gente estava se encontrando há poucas semanas. Íamos para a Lapa tomar uns chopes. Às vezes, a gente ia para Santa Tereza. Era isso.

— Vocês namoravam?

— Não sei se posso chamar assim...

— Vocês tinham relações?

— Sim — respondeu, lacônica.

— Gostaria de saber, se não se importa, se meu filho usava algum tipo de droga.

— Fora maconha e cocaína?

— Ele fumava maconha e cheirava cocaína?!!

— Era só o básico (Sandro não compreendeu bem esta parte da resposta), fora isso, ele também era adepto das viagens de LSD.

— E quem dava estas coisas a ele, você?

— Não, eu ia na aba. Ele tinha mais grana pra comprar. A gente se drogava juntos, só isto.

O pai teve vontade de pedir a conta, sumir dali. Aquela mulher cuspiu palavras como se fosse um dragão jogando suas labaredas em cima dos inocentes. Ela era fria, sem coração. Era o que parecia. Mas ele tinha que averiguar este último dado.

— Você gostava do meu filho, ou era apenas um parceiro para as loucuras?

— Eu gostava dele. Não amava, mas gostava. Da minha maneira.

— Você sabe como ele morreu?

— Não sei, quando eu acordei ele já estava assim — respondeu, evitando o uso da palavra morto para se referir a Erik.

— Ok. Mas foi overdose?

— Não, não foi. A gente fez o de sempre, até menos.

Depois desta frase veio o silêncio. Era a hora da proposta. Sandro estivera longe do filho durante toda sua vida. Agora, após a sua morte, queria compartilhar um momento com ele. Ela, aquela louca, seria a ponte para aquele momento em comum. Acreditava que um orgasmo com aquela mulher lhe daria uma comunhão cósmica com o filho. Serviria como uma despedida entre pai e filho, algo de que o destino os privou.

Ele fez uma proposta, baseada em seu poderio econômico. Ela era uma mulher maltratada pelo tempo, mas a roupa insinuava um corpo magro, ainda inteiro. Ela não precisava de dinheiro, tinha a pensão e alguns investimentos. Mas aceitou a idéia e fez uma contraproposta, pedindo o dobro.

Sandro aceitou. Para ela, esta relação também teria um significado espiritual. Ficaria mais próxima de Erik, afinal, os genes não são mais ou menos os mesmos, no caso de pai e filho? O dinheiro, ela pediu só para apimentar a situação. Agir como uma piranha a excitava profundamente.

QUEM VIVE DE JURAS

Lui interrogou Eduardo e obteve uma importante revelação: ele havia sido o responsável por aquele CD estar aos pés do falecido. O detetive avisou a Eduardo que aquilo não deveria ser dito a ninguém, caso contrário, o jovem estaria correndo perigo de vida (afirmação esta, certamente um exagero para assustar o rapaz). Se esta notícia se espalhasse, Sandro talvez perdesse o interesse nos serviços do detetive, uma vez que o componente sobrenatural deste crime estava ligado a possíveis conexões entre o rock e entidades do mal. O CD tinha que ser uma peça-chave, e não um artigo deixado ali despropositadamente.

Mas, para Lui, a revelação de Eduardo não tirava a chance (mínima, mas existente) de haver algo fora do comum no caso. O fato é que o CD estava no cenário do crime. Um espírito poderia até influenciar Eduardo a ponto de fazê-lo colocar o disco ali. Era importante não buscar entender as coisas sob um ponto de vista racional. Vilipêndio, mortes, rock, rituais... Tudo se completava. Então, mudava um pouco a história, mas não se encerravam as possibilidades. Além disso, o ofício de Lui é desvendar o crime, por mais tolos que fossem os motivos, independente de serem sobrenaturais. Tudo seria explicado para Sandro quando o seu contrato terminasse. “É um crime normal, doutor, o CD foi posto ali pelo namorado da sua filha”. Mas este detalhe não precisava ser revelado agora.

O próximo interrogatório era com Andressa. Seria na casa de Sandro, mas ao ver a bela garota, ele sugeriu:

— Prefiro fazer a nossa pequena entrevista em um local com menos vibrações, menos ligado a esta hedionda ocorrência.

Ela aceitou. Entraram no carro que ele havia acabado de comprar e foram para um bar perto da casa de Lui. O detetive não tinha a menor intenção de seduzir a garota. Levá-la para aquele estabelecimento significava uma chance de exibir a belíssima garota para as mulheres que freqüentavam o lugar, estas sim, o alvo do exibicionismo de Lui. Característica que neste momento realçava-se, na companhia de Andressa, beldade que não parecia ter mais de 18 anos (aliás, não tinha). A conversa, no entanto, foi enfadonha para ambos.

Após voltarem, resolveram dar uma caminhada pelo bairro de Andressa. E Cecílio, o homem errado na hora errada, viu ambos e aproximou-se. Sensível, o professor estava evitando a seção policial dos jornais, portanto, não reconheceu Lui, o detetive paranormal, expert em situações fantasmagóricas. Para Cecílio, só uma questão veio à mente:

— Quem seria aquele senhor bem apessoado?

E torcia que fosse avô, tio, em suma, parente. Ao cumprimentar, foi logo abraçando Andressa, que se afastou, constrangida.

— Oi, querida aluna!

— Oi — respondeu seca, deixando uma constrangedora ausência de sons dominar o ambiente.

— Não vai me apresentar? — perguntou Cecílio, olhando para Lui.

— Por que deveria? — disse, sarcástica, Andressa.

Lui entrou no jogo e manteve-se impassível.

— Já que ela não fez as apresentações, faço eu — iniciou Cecílio, descontrolado pelo ciúme. Na cabeça do professor, depois de transar com um homem de quarenta e tantos anos, talvez Andressa pudesse estar querendo homens ainda mais velhos. Isto provocava uma grande angústia em Cecílio, que continuou:

— Meu nome é Cecílio, dou aula de matemática para Andressa.

— Prazer — respondeu Lui, aderindo novamente ao silêncio.

Cecílio não se conteve:

— Você é, deixe-me adivinhar ...o tio dela?

— Não — respondeu Lui, com um sorriso de canto de boca.

— Então é o avô? — insistiu Cecílio, de modo grosseiro, visivelmente irritado.

— Não sou parente dela.

— Quem você é? EU TENHO QUE SABER! SOU PROFESSOR DELA! SOU UM EDUCADOR, EU TENHO RESPONSABILIDADES COM ESTAS CRIANÇAS!

— Que crianças? — respondeu Lui, provocativo, para em seguida puxá-la pelo braço, levando-a embora dali.

Cecílio estava arrasado. Quem seria aquele velho? Não, não adiantava se enganar, aquele homem era o novo caso de Andressa! A maneira como ele a segurou pelo braço... Não, Cecílio não ia ficar se enganando... Não ia bancar o otário! E sentiu vontade de conversar com Carol, uma das poucas companhias que nutriam gostos semelhantes ao seu. Ah, Pedro era um sortudo! E ligou a TV, ia passar "O Homem da Capa Preta", um clássico nacional. Além do mais, era preciso entender que uma noite de amor não deveria criar vínculos. Andressa tinha o direito de escolher um "vovô" para suas próximas aventuras.

— Qual seria o próximo passo dela? Um homem de 80 anos? E no futuro....uma transa com cadáveres no cemitério — pensou, debochado, o professor.

A imagem do cemitério fez-lhe lembrar do caso que Pedro havia lhe contado, de Faustina no lixão.

Em seguida, o pensamento voltou novamente para Andressa: será que a transa com ele foi motivada por algum problema psicológico da adolescente? Sim, pois se ela quer cada vez homens mais velhos, é provável que Cecílio tivesse sido antecedido por alguém de pouco mais de trinta. Esta linha de reflexão tirava o mérito de Cecílio na conquista, era como se ela, agora no papel de predadora sexual, usasse o homem mais à mão para saciar os seus profundos distúrbios mentais.

Talvez "O homem da Capa Preta" não fosse suficiente para tirar Cecílio de seu mundinho de divagações estereis.

Eduardo odiava Andressa. Havia sido desprezado, era horrível. E havia aquele boato na escola. Diziam que havia intimidades demais entre ela e o professor Cecílio. Um professor de matemática! Se isto fosse verdade, então realmente era mais fácil compreender os repentes masoquistas de sua ex-namorada na cama.

Um professor de matemática...O que viria depois: um dentista, um carrasco ou um torturador?

VERDE E AMARELO

O ministro fizera mais um pronunciamento na televisão. Ou seja, o povo e a classe média estavam fadados a mais agruras. Era sempre assim. Se o pronunciamento é do presidente, há quem tome Lexotan antes.

Cecílio estava indignado com algo que havia detectado: o individualismo cada vez mais forte de seus alunos. Era cada um por si. E os amantes da matemática eram um caso particular, deveriam ser acompanhados por algum tipo de supervisão especial. Afinal, deste seletto grupo poderiam surgir políticos poderosos, diretores de firma, gente que influenciasse o futuro da nação. Os fãs da matemática deveriam ter duas aulas de ética para cada aula em que aparecessem números.

A pior coisa que o Brasil fazia pelos indivíduos era difundir esta sensação de descrença na própria humanidade. Humanidade, mais precisamente aquela nascida em solo tupiniquim, fique claro. Cecílio via, no noticiário, os casos de corrupção, e perdia a esperança de que algum político fosse honesto, digno do seu voto. Esta era uma idéia generalizada: o nivelamento por baixo, “ninguém presta”. Somos todos gentinha. Era algo nauseabundo para se carregar dentro de si. Naquela semana Cecílio esquecera o celular em um restaurante. No dia seguinte, ao voltar ao estabelecimento para tentar reaver seu bem, levou um grande susto quando soube que o garçom havia guardado o telefone. Era incrível! Para Cecílio, era bem mais provável que o garçom ficasse com a peça, e depois dissesse: “Outro cliente deve ter passado pela mesa e levado.”

Este alto grau de desconfiança não era só em relação à classe dos garçons, porém em relação a todo mundo. A autocrítica também era contundente: “Será que sou honesto? Talvez eu não tenha tido uma grande tentação, uma chance de desviar uma grande soma e escapar ileso... Talvez eu seja confiável por falta de oportunidade de agir mal..” Era um raciocínio constante que invadia as reflexões do professor. Sim, a impressão é de que eram ou são honestas as pessoas que não encontraram um momento propício para ganhar muito dinheiro através de alguma manobra ilegal. Somos todos corruptos, até prova em contrário. E por quê? Porque somos brasileiros, e aqui, a corrupção é o valor mais forte. Todos nós só queremos vantagens. Este pensamento era deprimente e caía sobre a cabeça do mestre como uma bola de concreto. É muito triste um professor olhar seus alunos e não ter nenhuma expectativa que saísse daqueles meninos, pessoas com intuits de reformar esta sociedade doente. São jovens sob o signo do fracasso. Ele via em suas feições, pobres seres humanos. Homens egoístas e medíocres que lutarão, alguns em vão, para não serem alcançados pelas balas perdidas que têm sido plantadas todos os dias.

O fiscal da prefeitura descobriu tributos atrasados da escola. E ameaçava fechar aquela que era uma das melhores instituições da cidade. Por trás daquele homem bigodudo, apreciador de leite condensado, havia uma mulher. Era sua nova namorada, Faustina, em cuja mente havia o desejo de prejudicar Cecílio, como forma de atingir o odiado Pedro. Cecílio era só professor. Quantos não perderão os seus empregos? E os alunos, que perderiam a qualidade das aulas ali ministradas, como ficariam? Tudo por causa do ódio daquela mulher. Cecílio tinha certa pena de Faustina: o Lixão era a metáfora perfeita para a mente daquela pessoa, que encarou o casamento como a única forma de realização do seu espírito. O bigodudo também só estaria com ela até o momento em que fosse desmascarada: ela era uma farsa. Pois como ser afetuoso, era limitada a gostar de si

mesma e de seus ideais pequenos, que um dia, no século passado, já significaram este peso para o sexo feminino. As mulheres bem resolvidas de hoje já não são escravas de sonhos de Cinderela. Faustina tem raiva de crianças, de velhos, de pobres. E, principalmente, das mulheres bonitas que cruzam sua frente e são livres. São concorrentes, e com uma grande vantagem: poderiam ser felizes, não eram fascistas envenenadas pela própria inveja.

Cecílio estava aborrecido com a história da escola, mas não poderia ver Faustina como alvo de sua ira. Sentir raiva daquela mulher era estar atrelado a ela, de alguma forma. Ela era apenas uma coitada, não servia como adversária. E, além do que, era problema do seu irmão.

O prefeito interveio. E a negociação teve sucesso: a escola não seria despejada. Cecílio gostava de sentir-se vitorioso, mas não se sentia assim. "Há sempre alguma história suja nos bastidores do espetáculo da política brasileira".

Eduardo aprendeu alguns acordes e montou uma banda. Logo já tinha composições próprias: plágios de bandas como o Vilipêndio.

Sandro saiu com a amante do filho duas vezes. E ela passou a chantageá-lo com fotos. Se a esposa recebesse aquele material, a garfada do divórcio ia se tornar uma "facada".

Sandro ofereceu uma quantia mensal para que a chantagista ficasse calada. Ela recebeu sua "pensão" durante dois meses. Depois, foi visitar Sandro e lhe avisou: "Pare de depositar esta porra na minha conta!" Para ela, a brincadeira de chantagista perdera a graça.

"Verde e amarelo" era uma das músicas mais sangrentas do disco do Vilipêndio. Era uma analogia entre a situação do país e um crime em que um psicopata matava a própria família. Todos da banda se assustaram quando o "Mexicano" avisou, com seu indisfarçável hálito de "cerveza":

— Estou em negociação com a prefeitura para que vocês toquem em um show comemorativo do dia 7 de setembro. E o meu argumento é que, como cada banda tocará uma música, vocês subirão no palco e farão "Verde e Amarelo".

Todos se entreolharam, abismados. A música era uma crítica, não combinaria com o clima ufanista da ocasião.

Claro que a prefeitura não aceitou incluir o Vilipêndio no megashow. De tudo isto, só uma certeza: se o "Mexicano" ainda não havia ouvido os "15 ABISMOS", pelo menos agora já conhecia o nome das canções...

Em São Paulo, o desempregado e esfomeado Genésio subiu no alto de um prédio e cantou o hino nacional em um megafone, para em seguida atirar-se, na tentativa de uma audiência com a morte. Ficou em coma. Se sobrevivesse, não escaparia do processo que seria movido pelo deputado Felispácio Somássia, em defesa dos símbolos nacionais.

A REALIDADE É

Sandro pressionou todos os escalões políticos. Não havia nada ainda sobre a morte de seu filho. A esposa o deixara, agora levando sua filha Andressa. Ele, que durante muito tempo quis se separar, não esperava que tudo acontecesse quando se sentia tão frágil. Não era justo.

Estava tão carente que no dia em que aquela velhaca (a chantagista, ex-namorada de Erik)) pediu que fossem suspensos os depósitos na conta dela, Sandro quase chorou. Sua vontade foi convencê-la do contrário, que o dinheiro estava sendo pago com prazer. E, de quebra, faria uma súplica para que aquela louca passasse uns dias em sua casa. Mas o amor-próprio que sobrara o impediu de tal insanidade.

Sandro sentia-se indignado com Lui. Estava terminando o segundo mês do contrato, sem que ele lhe desse mais qualquer informação sobre as investigações. Até a polícia era mais solícita. E para irritá-lo ainda mais, Lui podia ser visto agora nas colunas sociais todos os dias. Estava namorando uma viúva da alta sociedade. Dava palestras sobre parapsicologia nas universidades, colégios, e em qualquer antro que pudesse lhe dar aquilo que ele tanto apreciava: dinheiro. “Velho filho da puta!”, pensou.

Sandro continuava pressionando. Nem o governador escaparia agora. O negociante era mais do que um contribuinte. O caso teria que ser resolvido.

Serginho, o policial, foi chamado por seu superior. O delegado abriu o jogo:

— Olha, vou dizer claramente a situação: alguns colegas da corporação ouviram você dizer que faria uma visita a Sandro Dickens para cobrar uma grana. E no dia desta sua cobrançinha, justamente morreu Erik Dickens. O governador está nos pressionando. Você é, infelizmente, o nosso primeiro suspeito.

— Realmente eu ia lá falar com o Sandro, mas surgiu aquela falsa denúncia de tráfico de drogas, uma cilada armada por um pai para o próprio filho, e isto me impediu de conversar com ele. Mais tarde eu fui chamado para ajudar na ocorrência, mas o crime já havia sido cometido. Também fiquei chocado com a morte do rapaz. Quando eu estava para fazer a cobrança, não tinha certeza se o pai estava viajando ou não... Mas eu não ia matar o filho do cara por causa de uma dívida. Ainda mais, sendo um cara tão poderoso! Além disso, a grana que o Sandro me devia não era tão alta a ponto de me deixar desesperado dessa maneira.

— Você pode ter cometido o crime horas antes de ir fazer aquela sua detenção ridícula. Isto não livra a sua cara. O que livra a sua cara, por enquanto, é o seu comportamento exemplar, você não tem o perfil de um criminoso. Ma há outro motivo para você ser indiciado: recebemos uma denúncia anônima avisando que a bala que matou Hermes teria saído da arma de um policial. O denunciante só não soube precisar se foi um crime ou um acidente. Mas você seria o maior interessado na morte de Hermes, caso fosse o criminoso. Vou lhe dar um aviso: trate de tentar salvar a própria pele. Se eu fosse você e tivesse cometido o crime, iria sumir por uns tempos...

— Só que não sou culpado. E não ia matar alguém por causa de uma dívida de uns poucos meses.

— Meses? — perguntou, irônico, o delegado.

O escurecer foi amargo para Serginho. Nunca se metera em esquadrões da morte, nunca fizera alguma coisa que o tornasse um criminoso em potencial. O seu único defeito era pegar algumas propinas em alguns casos bobos. Para aliviar infrações de trânsito, ou jovens com pequenas quantidades de erva, Serginho aceitava um agrado. Uma bobagem que melhoraria sua cesta básica. No mais, não era um fora-da-lei. Já havia prendido até traficantes. Nesta ocasião, foi-lhe oferecido bem mais do que algo “para a cervejinha”, e, neste dia, ele lembrou dos colegas mortos, de tudo o que viu na sua vida. E por pouco não matou o criminoso. Este foi um instante em que se sentiu muito bem: parecia como aqueles primeiros momentos de sua vida profissional, quando entrou para a corporação cheio de idealismo. Como o Tadeu, de olhos que brilham.

Neste momento, surgiu, do nada, uma importante recordação.

Caio e Hermes morreram no mesmo dia. Será que a bala perdida não saiu da pistola de Tadeu? Ele esteve envolvido em um tiroteio em uma área nas proximidades. Se isto fosse verdade, pelo menos ficaria claro que a morte de Hermes não estava relacionada a nenhuma tentativa de Serginho de apagar os vestígios de um crime. Faltava só provar que ele não havia matado Erik, mas já era um começo. A voz do seu superior ainda ecoava em sua mente:

— O criminoso sempre volta à cena do crime — disse ele, debochado, sobre o fato de Serginho ter ido a Copabana para ajudar nas investigações. E a sugestão para que fugisse era mais uma armadilha do que um conselho de amigo. Aquele policial não era amigo de ninguém, era uma cobra.

Amargurado, Serginho pensava na falta de sentido de se trabalhar em equipe, esquecendo toda a ajuda que já obtivera de companheiros, muitos arriscando a pele para salvá-lo.

A mulher deitou-se no sofá, novamente deprimida. A chantagem havia perdido a graça. A morte de Erik levava aos píncaros a superficialidade da vida daquela pessoa.

Que um dia já havia dado aulas. Tivera muitos amigos. Lia livros na língua original. No começo, não. Ela era uma qualquer. Uma professora esforçada, só isso. O casamento com Henrique salvou a sua vida. Ela se sofisticou, aprendeu a dar valor às boas coisas da vida. Leu Stendhal. Aprendeu a apreciar a música clássica das melhores orquestras da Europa. Semanalmente, havia em sua casa uma roda de leitura em que se discutia a obra de filósofos. Nestes encontros também havia espaço para poesia e chá. Quando a noite chegava, havia, na sua cabeceira de dormir, um livro que a fascinara em um passado distante: A Montanha Mágica, de Thomas Mann. Nos seus tempos de ignorância, ela via aquele calhamaço na livraria e pensava: “jamais terei a paciência necessária para ler um livro desta grossura”. Meses depois do casamento com Henrique, ela lera o seu livro-desafio, no original, o alemão. Ela mudara da água para o vinho. Agora, até de ópera ela gostava.

Mas Henrique não havia efetuado um milagre: a semente daquela inteligência, daquele bom gosto, já existia dentro dela.

Depois de Henrique, ela despencou. Enlouquecera, só isso.

As drogas foram utilizadas só para entorpecer, o único critério. Ela chegava ao sono sempre flertando com uma overdose, que já ocorrera umas duas vezes.

O sexo era sempre com mais de uma pessoa. Não era errado, se ela estivesse lúcida para não se arrepender no dia seguinte. E estivesse sóbria para tornar obrigatório o uso de preservativos pelos seus parceiros.

Erik era um dos mais convencionais de sua lista. Faziam amor de uma maneira mais tranqüila, pelo menos, era o que ela pensava. E ele demonstrava um certo apego a ela. Era um jovem que lembrava um pouco Henrique. E como este, havia terminado sua caminhada.

TUDO O QUE EXISTE

“Tudo o que existe” era uma das mais tristes músicas do Vilipêndio. Era negativismo concentrado. Um mundo sem chance de redenção. Era uma das melhores faixas do CD, a despeito de não estar na lista das músicas escolhidas para os shows. Uma canção com sabor de morte.

Cecílio estava melancólico. Havia perdido Andressa. E, no fundo, não queria admitir que Carol também significava algo para ele. Como ela conseguia se apaixonar por Pedro, um irmão maravilhoso, mas que achava um saco “A última tentação de Cristo”, de Scorsese? Cecílio tentava afastar aqueles pensamentos, afinal, pelo menos Carol ficaria na família. E, se o casal tivesse um filho, aumentariam bastante as chances de nascer um sobrinho com alguma sensibilidade. Poderia até se tornar uma pessoa que lesse algo sem ser obrigado pela escola...

Neste mesmo dia, Pedro chegou da faculdade e contou-lhe da secretária que estava flertando com ele: “uma mulher maravilhosa, parece até criada em laboratório, um corpo construído especialmente para o prazer”!

— E a Carol?

— A Carol é minha namorada, e eu a respeito, mas esta situação está além das minhas forças...

Ou seja, “eu a respeito” significa algo como “ela não precisa saber”. Cecílio foi dormir abraçado com sua velha colega, a descrença na humanidade. Se Carol fosse a sua namorada, ele jamais a trairia. Pedro percebeu o desaprovamento silencioso de Cecílio, e pensou:

“ Só me critica quem não viu a Mônica!”

A tarde seguinte de Cecílio foi regada a White Horse. O desenho do cavalo branco no rótulo da garrafa de uísque levava o professor a pensar ainda mais na satisfação de Pedro ao falar da tal garota:

— Se você visse a potranca que ela é!

Carol era uma flor, não merecia aquele comportamento do seu irmão. Este surgia, rindo, diabólico, em seus devaneios alcóolicos:

— O que os olhos não vêem, o coração não sente!

Cecílio fez uma força e expulsou o “diabinho”, em uma cena quase de desenho animado. E refletiu: “Ah, danem-se eles. Quem garante que ela é fiel? Eu não tenho nada a ver com isso”. O álcool o deixava piegas, ele não podia ceder ao sentimentalismo óbvio. A melancolia, no entanto, perdurava. E junto com ela, ressurgiam os grandes erros da sua vida. Em passos lentos e dolorosos, como um filme de Ingmar Bergman. “Morangos Silvestres” não era o petisco mais apropriado para um porre.

Andressa não gostou de ir morar com a mãe. Mas fora obrigada a sair dali, “o lugar do crime”. Sentia como se tivesse a vida fatalmente comprometida. Jamais seria a mesma. Se Cecílio não fosse o insensível que a seduziu, poderia ser um amigo. Ela gostaria de ter um agora.

O “Mexicano” esperava que o Vilipêndio conseguisse um sucesso nas rádios em um segundo disco. Ainda não tivera paciência para escutar os 15 ABISMOS, mas compreendia que era algo que, se fosse bebida, “desceria rasgando”. E pensando em direitos autorais, ele resolveu tentar fazer uma parceria em uma composição para o próximo trabalho. Ao receber a letra, Ricardo ficou pouco entusiasmado:

— Olha, Mexicano, vai ser complicado a gente musicar isto que você escreveu... “Passarinhos vão passar, por cima do mar, os olhos não veêm, o que eles vão buscar. No céu, correntes de uma nova geração, passarinhos venham do ninho para o meu coração” Eu acho que ficou meio..., desculpa o que eu vou dizer, meio brega...

— Brega? Você não tem sensibilidade! Vocês podem fazer uma música cheia de ódio com esta letra, cara! Demorei horas fazendo isso, é uma obra-prima! A diferença é que não vai ser uma música do gênero “morde agora, sopra depois”, vai ser “morde e sopra ao mesmo tempo”! Barulho e pássaros, uma verdadeira revolução no rock! Percebem?

A banda fez uma votação interna e a letra foi rechaçada (na realidade, deu empate, foi a moedinha que decidiu).

Sempre torcendo por uma oportunidade de escrever uma grande matéria sobre rock para a editoria de cultura de um grande jornal, Carlinhos, inadvertidamente, acabou por captar, durante o sono, as emanções daquele ensaio do Vilipêndio. E, acordou, impressionado com o que sonhara: uma matéria de página inteira, a principal do caderno, com o título:

BARULHO E PÁSSAROS - A VERDADEIRA REVOLUÇÃO DO ROCK

E levantou-se angustiado: viu o título da sua grande matéria, o seu nome, a página diagramada, linda, com o nome do jornal. Mas não conseguiu ler qual era realmente o conteúdo daquilo! Rock e pássaros? Era preciso uma dica para ir atrás da matéria... Afinal, quem sabe aquela visão não era o empurrão que faltava para o começo de sua ascensão profissional?

AMBIÇÃO

Os jornais deram a manchete “Sandro Dickens corre risco de vida” A mistura de álcool e barbitúricos quase foi fatal. Por pouco.

“Como vim parar aqui?”— foi a pergunta que Sandro fez assim que pôde voltar à lucidez. As dúvidas não perduraram o suficiente, pois foram dissipadas pelos passos de uma legião de visitantes: a mulher, a filha, uns amigos de quem ele não se lembrava, funcionários de suas lojas... até crianças apareceram. Era uma romaria. Uma mulher bela leu uma poesia para ele: “Se te queres matar, por que não te queres matar?”, de Fernando Pessoa (sob o heterônimo de Álvaro de Campos). Mais insignificante do que a vida, só a morte, pensou Sandro após a leitura pausada e febril daquela diva. A tez pálida, os braços finos, o cabelo castanho alourado, liso...Seria o anjo da melancolia? Ela foi embora depois que saíram sua esposa e a filha, estas, protagonistas de um dos encontros mais gélidos da história daquele hospital. Pelo menos, era como ele percebia o distanciamento que havia entre ele e a sua família.

Quando a mulher leu o texto, ficara a certeza do burburinho que envolvia o seu nome: “Ele tentou se matar”. Talvez por isto, houvesse este tratamento de “pobrezinho” de que ele se fazia agora merecedor. Ele já havia se desacostumado a estes olhares piedosos, coisa rara de acontecer quando se é endinheirado. Querer morrer lhe dá direito a novos votos de simpatia. Devia estar em uma cartilha de relações públicas da alta sociedade: “Se você é rico, tente se matar pelo menos uma vez.” A derrota nivela por baixo, mas une. Os fracassados, os invejosos, os mentirosos, os desqualificados. Sejam ricos ou pobres, brancos ou negros. A dor surge como o passaporte para uma nova colônia de férias...

No momento em que ouviu a poesia seu coração reverberou: que cena patética! Essa ninharia de ternura, esses vampiros da vitória alheia, tudo reluzindo como o perfeito simulacro da amizade. Eu ainda não estou precisando de que vocês larguem seus afazeres, seus julgamentos frívolos das outras pessoas, suas novelas de televisão, seus livros de auto-ajuda, suas músicas de corno... Não deixem de fazer nada para dedicar-me uma pitada de sua hipócrita amizade. Nada mais puído do que este sentimento ofertado, este amor de quem precisa de dinheiro... e, o mais importante disto tudo... **EU NÃO TENTEI ME MATAR, FOI UM ACIDENTE, PORRA!**

Carlinhos decidiu mudar. E aceitou o convite para fazer um estágio em outro jornal. No caso, uma tradicional publicação carioca. Ele havia sido indicado para a vaga por um dos seus professores, que conhecia o editor do jornal.

Quinta-feira seria um dia muito importante para Carlinhos. Ele participaria de uma reunião com o editor e outros jornalistas, além do próprio dono do jornal. Seria debatida a criação de um novo suplemento, publicado às terças, e seriam grandes as chances de ele passar a escrever neste caderno. O editor começou a fazer suas explicações:

— O jornal hoje é um poderoso veículo de fiscalização da sociedade civil. Por exemplo, através de muitas denúncias publicadas, políticos corruptos são desmascarados. A sociedade inúmeras vezes se mobiliza para defender a cidadania, tendo como ponto de partida uma matéria publicada em um jornal. Partindo deste princípio, acredito que seja a hora de nós emprendermos um caderno

dedicado aos anseios da população. Vamos coletar reclamações sobre problemas urbanos, dificuldades passadas por consumidores que têm os seus direitos lesados, e vamos fazer disto a nossa notícia. Daremos ampla cobertura a essas queixas. E daremos espaço para o alvo da reclamação mostrar serviço. Então, se alguém reclamar que um esgoto está poluindo o rio, nós iremos lá e faremos uma investigação para saber se isto é verdade. E depois iremos pedir satisfação ao responsável por isto. Este será um problema do jornal, e nós acompanharemos o que está sendo feito para acabar com esta poluição. Haverá um prazo, e depois faremos outra matéria, uma suíte mostrando a solução que este problema teve. Ou que não se fez nada. Esta nova matéria só saíria um bom tempo depois da publicada antes. E nós formularemos uma posição, um veredicto. “A prefeitura não se pronunciou e não tomou providências” poderia ser uma conclusão. Nós vamos bater forte pelos direitos de cidadania do povo fluminense.

Palmas se seguiram às idéias do editor. O semblante do dono do jornal, porém, era tenso, inexpugnável. E só abriu a boca para tirar uma pequena dúvida:

— E qual seria o nome deste suplemento?

Todos ficaram mudos. Ninguém havia pensado neste detalhe.

Como é que se marcava uma reunião sem que se estivesse totalmente seguro em relação a aspectos fundamentais do projeto? Carlinhos quis mostrar-se um profissional de iniciativa, e sugeriu:

— Um bom nome pode ser “Rio do Povo”, já que seria algo totalmente em função dos anseios da população, e um suplemento sobre as dificuldades do Rio.

— “Rio do Povo”? — repetiu o nome, o dono, o todo-poderoso do jornal. E emendou:

— Seria um nomenclatura ótima....para um jornal do juiz Lalau ! Já tínhamos até uma boa publicidade: “Rio do Povo — o jornal para quem tudo acaba em pizza” . Só faltava essa! Só não RIO DE VOCÊ porque esta reunião está empatando o meu tempo, e tempo é dinheiro!

— Por favor, peço desculpas pela falta de tato do Carlinhos. A culpa é minha, eu não deveria ter permitido que um estagiário participasse de um encontro deste calibre — argumentou o editor, querendo aliviar um pouco a gafe do rapaz.

— Ok. Tudo bem, podemos continuar. Eu não sabia que ele era um mero estagiário — retrucou o antipático magnata da comunicação.

A vontade dos cinco estagiários presentes foi levantar-se e sair, deixando apenas três pessoas discutindo o assunto.

Cecílio acordou no sofá, totalmente zozzo. Por que bebera tanto? Pergunta idiota. Bebe-se por prazer ou vício. “Mas vício também é uma forma de prazer”, pensou ele, iniciando uma série de considerações sobre a existência humana:

“Aliás, por que procuramos motivos quando só existem duas razões para qualquer coisa? A saber: sentir prazer e salvar a própria pele. Qualquer outra teoria é derivação destas duas. Ficar bebendo não é mais indigno do que ler Sartre ou qualquer outro filósofo. É prazer. E está tudo dentro das potencialidades humanas, onde o pior e o melhor andam de mãos atadas.

De toda esta mediocridade habitual que rege nossa rotina só se salvam a solidariedade ao próximo, o trabalho voluntário, o sacrifício sem horizontes de ajuda. Salvam-se porque não fazem parte do nosso comportamento habitual, do nosso narcisismo gosmento do dia-a-dia. Não me admiraria se descobrisse que todos estes que se dedicam a trabalhar pelo bem comum da

humanidade sejam revelados no dia do juízo final: Vejam! Eis os marcianos que viveram disfarçados de terrestres, diria Ele.

É, estes homens que “DESAFINAM PARA MELHOR”, com certeza, não são como nós, mortais.. São santos, são guerreiros, são andrógenos... São perturbados, dirão alguns. Esta opção também serve, de qualquer maneira, eles não se encaixam. Ou talvez sejamos nós que os excluimos” — concluiu o professor, antes de adormecer novamente.

Cecílio estava deprimido. Mas não seria derrubado: estava vivo. E era um dos mocinhos deste livro. Apesar de incompreendido (e não gostar de rock).

HOMEM EM FASCÍCULOS

Os pesadelos recorrentes de Andressa sempre traziam a morte seguida de um ambiente azul-turquesa, o céu. Lá ela encontrava a monotonia da perfeição: todos eram sábios, sem erros, sem pecados. Não havia danças sensuais, não havia filmes de ação para se ver, não havia beijos ardentes entre namorados. Tudo isto era próprio de lugares mais atrasados, não ficavam bem ali. A perfeição tornava todos iguais: supremos seres superiores, tocadores de harpa, assexuados, com a eternidade pela frente para aproveitar e nada de interessante para fazer. Ela sonhava com o céu porque imaginava que seu irmão estivesse lá. E chorava, porque o céu aos seus olhos parecia uma prisão...

Na sua solidão, Andressa retomou o seu namoro com Eduardo. Uma atitude influenciada fortemente pelos conselhos de amigas. Eduardo era um tipo que fazia muito sucesso entre as garotas da escola, cada vez mais radicais em sua opção pelos padrões de beleza da moda, ditados pelas academias e programas de televisão. Mas os rapazes não ficavam atrás, também estavam exigindo muito das formas femininas, que fossem iguais a artistas de cinema ou dançarinas. Não deveria haver uma gordurinha a mais, era uma linha de pensamento tão radical que beirava o fascismo. Mas até onde irá esta tendência de querer que todas as pessoas se tornem iguais na maneira de pensar e na aparência? Em breve, as cirurgias se tornarão acessíveis e, pronto, todos terão o mesmo corpo, o mesmo nariz, o mesmo cabelo... Até que mude a moda. Então todos mudarão tudo de novo. Se esta padronização continuar, será que daqui a 100 anos existirá uma diferença de sotaque entre as regiões do Brasil? Será que ainda existirá arte regional? Ou será como o céu de Andressa, todos iguais em uma sonolenta perfeição?

Lui encontrou-se com Sandro; chegaram ao fim as investigações. Respostas simples. Não havia nada de paranormal nas mortes. Eduardo colocou o CD ali, não havia nenhum tipo de ritual. Possivelmente, Erik quebrou o pescoço durante uma relação sexual regada a drogas. A mulher, sem perceber nada, igualmente "doidona", virou de lado e dormiu. Sandro achou a solução muito simples, mas contentou-se. Era hora de voltar a viver. Até hoje, três meses depois do acontecido, a polícia não conseguiu encontrar as provas que estavam organizadas pelo falecido Hermes Polaco. Basta.

Serginho quis provar que não era o assassino de Hermes. Era o passo inicial para livrar-se de uma acusação. A possibilidade era de a bala ter saído, por acidente, do revólver de Tadeu, novato que participara de um tiroteio não muito longe do local. Conversando com informantes e testemunhas, Sandro chegou à terrível descoberta que o aturdiu: Tadeu estava ligado ao tráfico, era o que afirmaram dois indivíduos distintos. Um dos alcagüetes mostrou-lhe até uma foto de Tadeu abraçado com um traficante da região. Serginho teve que dar uma boa grana por esta cooperação "extra-oficial".

A matéria que seria publicada na edição do dia seguinte tinha a manchete "Detetive descarta assassinato no caso Dickens", um enfoque amistoso em relação ao trabalho de Lui. Mas isto

ocorria graças à intervenção de seu assessor de imprensa, que se adiantou e enviou um texto, cujo conteúdo foi quase todo transcrito no bojo da matéria.

A editora Lúcia quase teve um ataque. É que, ao pedir para colocar novamente o box “Saiba mais sobre o caso”, enfatizando um histórico da antiga ligação do rock com a violência e o sobrenatural, jamais imaginaria que o material fosse ser publicado junto à seção de culinária, distante da matéria sobre Lui e o caso Dickens. Carlinhos já não era estagiário, ela pedira a Cristiano, o substituto, que reescrevesse o material e o entregasse à diagramadora para ser posto com a matéria principal. Lúcia pedira claramente:

— Isto é pra sair junto com a matéria do rock.

Na realidade, Lúcia se expressou muito mal, afinal, o rock praticamente não era citado na matéria sobre o fim das investigações de Lui (e mesmo que fosse citado, estava longe de ser o principal enfoque). Na correria de mandar a edição para as máquinas, Cristiano pediu para diagramarem o box junto ao texto do novo articulista de culinária, ROQUE Anderson. Lúcia ficou desesperada ao ver a edição que foi para a rua: “Hoje eu vou ser mandada embora! Ai, meu Deus!” Na realidade, ela era uma das que mais trabalhavam, seria uma grande injustiça.

Pedro chegou bem tarde da noite, quando Cecílio estava ouvindo um pouco de MPB. Deitado no sofá, pés descalços, a expressão de Cecílio era de um pensar distante. Pedro interrompeu:

— Cara, você não imagina o que aconteceu: participei de uma “Menage a trois”!

— O quê?? — recobrou a consciência, o letárgico professor, e pelo susto, ficou quase tão verde quanto o estofado da poltrona do lado.

DESTRUIR

Cecílio convidou Andressa para uma conversa em particular.

Ela foi ao encontro, imaginando que seu professor quisesse tentar convencê-la a manter um relacionamento com ele. Eles haviam transado uma vez só. Na época, Andressa não tinha ficado muito emocionada com o que se passou. Porém é bom salientar que aquele ato foi eclipsado pela morte misteriosa do seu irmão e pela separação dos seus pais. E Andressa não ia às aulas desde então. Ela reatou com Eduardo, mas estava triste. Poderia tentar outra experiência com Cecílio. Sim, mas não a experiência que Cecílio propôs a ela:

— Troca de casais?! Que porra é essa?! Está pensando que eu sou puta?

Cecílio ficou sem argumento diante da saída de Andressa, transtornada e chorando, sabe-se lá se de ódio ou nervosismo. Nem deu tempo de o professor devolver a carteira de identidade que ela esquecera com ele, na vez em que dormiram juntos. Havia três meses e ela nem deu pela falta! Mas, voltando ao despropositado convite, como Cecílio chegou a esta situação?

Bom, voltando ao capítulo anterior, seu irmão Pedro lhe contara ter feito um “menage a trois”. Os participantes: ele, Carol e Mônica, uma mulher maravilhosa que ele conhecera recentemente. Cecílio não imaginava que Pedro tivesse coragem de convidar Carol para a empreitada, e mais, jamais pensou que ela aceitasse. Ele não a conhecia o suficiente para saber de suas preferências. E isto não afetava em nada o fato de Carol ser linda, sensível, apreciadora de literatura e cinema. Até aí, tudo bem. Começou a complicar quando Pedro revelou que Carol adorou a experiência e contou-lhe que gostaria de transar com dois homens, simultaneamente. Para Carol, Cecílio era um “coroa atraente” e sugeriu que ele e Pedro formassem a “dobradinha”. Então Pedro disse:

— Tá pensando o quê?! Que eu sou um perverso? Não vou dividir mulher nenhuma com meu irmão! Ainda mais a minha namorada, a mulher que eu amo...

— Então poderíamos fazer uma troca de casais. Ele traz uma mulher para você, e eu fico com ele.

Pedro, que era uma pessoa muito flexível e gostava de ver a mulher feliz, acabou aceitando a idéia. Mas avisou a Cecílio: arruma uma mulher bonita, e depressa, que a Carol muda rápido de idéia!

E deu no que deu.

Mas, mesmo diante da negativa de Andressa, Cecílio não estava disposto a perder um contato mais íntimo com aquela morena sublime. Arranjaria uma mulher, de qualquer maneira. Só que, de todas as suas conhecidas, com quem saía de vez em quando, ou que estavam interessadas em ter um caso com ele, nenhuma aceitaria o convite. Ele mesmo chamou Andressa, porque ela era bem “maluquinha”. Pensou que talvez ela aceitasse. Estava errado.

A solução era simples: uma prostituta.

Aurinálida foi a escolhida, após Cecílio surfar na internet e descobrir uma agência virtual de garotas de programa. A mulher em questão era a mais bonita. Tão morena quanto Carol. Cabelos ondulados escuros, pele sedosa(pelo menos, é o que parecia nas fotos), coxas roliças e um

bumbum grande e firme. Sem contar, os indefectíveis pelinhos dourados...O nome artístico era “Cláudia”, bem mais apropriado. Pelo menos, mais simples de se lembrar e passível de pronúncia.

Antes, ele explicou tudo a ela.

— Está nos conformes — riu a mulher.

— Olha, nada de revelar a sua profissão. Você é datilógrafa lá do colégio, certo?

— Não se preocupe, já estou acostumada. Mas você não vai querer aproveitar um pouquinho antes, mô (uma abreviação de amor, como se um dissílabo precisasse)?

— Você diz... a gente...?

— É, dar umazinha, nós mesmos, antes da festinha, mô

— Olha, eu não quero me cansar... sabe como é...

Cláudia irritou-se profundamente: “Porra, só quero ver a outra, se é assim tão fuderosa mesmo!!!”

E não dirigiu mais palavras a Cecílio, no trajeto.

Carol não era mais bonita que Cláudia. Esta transou separadamente, com Pedro, depois com Cecílio(que estava com muito mais disposição do que ele mesmo imaginava), e, seduziu também a namorada de Pedro em uma pioneira experiência homossexual para esta. No final, comentou sarcástica:

— E ainda estão me pagando pra fazer isto! É mole ou quer mais?!

Após todo o amor, ficaram um bom tempo conversando. Carol trouxera uma “ervinha”. Cecílio acordou nos braços de Carol. E Pedro, com a cabeça no colo de Cláudia, a doce guerreira.

Se Cláudia fosse representada por um jogador de futebol, seria daqueles que o técnico da seleção diz que é fundamental ter na equipe: o que tem amor à camisa, que corre o campo inteiro.... Ainda futebolisticamente falando, a moça alternava jogadas de craque com chutões de cabeça de bagre. Era um toque tão suave ali, tão meigo, o requebrar forte e sensual...de repente, gritos que chocavam mais por estuprarem todas as normas e concordâncias da língua portuguesa do que pelo elevado número de palavrões. E daí, pensou Pedro, “eu ensinaria minha namorada a falar tudo errado, se ela conseguisse transar com esta volúpia, esta vontade toda...”.

Não precisou. Dias depois, Carol ligou para Cecílio, arrasada:

— Ele me deixou! Você não sabe ainda?

— Não.

— Ele roubou a tua garota, a Cláudia, eles estão juntos agora.

— O quê?!!!!

— Isso mesmo! Estou muito triste. Não toparia fazer tudo aquilo se soubesse que terminaria assim!

— Olha, eu e Cláudia...terminamos há dias(inventou ele, para não revelar que a garota era de programa, e tampouco assumir uma “cornice” que não existia, e não ficava bem para um professor sério como ele)... mas eu acho que você é a garota ideal para Pedro... Ela é muito... geniosa(quase falou, por descuido, promíscua).

Cecílio ligou para a agência em que Cláudia trabalhava. Ele queria conversar com ela antes de revelar tudo a Pedro. Então, a surpresa:

— Ela não trabalha mais. A foto está no ar, mas ela largou “a vida” — respondeu a “secretária”.

Mais tarde, Cecílio encontrou-a com Pedro, em sua casa. Estava se mudando para lá. Cecílio desistiu de revelar as origens da moça e estragar aquela paixão fulminante, mesmo sabendo que Pedro poderia ter problemas no futuro. Não revelar a verdade a Pedro foi uma forma que Cecílio encontrou de punir o irmão pelo comportamento, que ele não aceitava. Imagina: abandonar uma garota como Carol! Mas, em todo caso, Cecílio dizia a si mesmo que não contou a verdade “para não interferir e prejudicar o curso natural das coisas...” O professor encobria o seu despeito sob a pecha de querer ser liberal e justo. Não conseguia se atribuir um sentimento como “tomara que ele tome uma lição, a garota de programa só vai lhe dar dor de cabeça”. Mas era o que fervilhava no seu íntimo. Só que Cecílio era sonso, e convencido demais para assumir para si mesmo um sentimento revanchista como este.

Estava mesmo na hora de Cecílio morar sozinho. E saiu de malas prontas, após todas as declarações de amor que o novo casal se fez. Cláudia ainda lhe disse, enquanto Pedro estava no banheiro, um “obrigado por não contar nada”. Ele sorriu.

Serginho pensou em levar as provas ao seu superior, incriminando definitivamente Tadeu. Este não passava de um instrumento para que os traficantes ficassem por dentro das manobras da polícia. Sim, ele tinha que tomar uma providência. Talvez até Tadeu pudesse ser seguido, ou utilizado para se chegar a alguém realmente poderoso. Era preciso conversar com Dr. Jaime, para ver qual o procedimento.

Então surgiu um pequeno receio: e se seu superior também estivesse ligado a algum esquema? Certamente seria sua própria cabeça que iria rolar. Talvez até literalmente.

Tadeu assassinou Caio, colega de profissão. Um camarada sempre disposto a colaborar, um sujeito decente, pai de família. O que mereceria um pilantra que assassina covardemente um pai de família? Morrer era pouco. Se ele levasse o cara para a delegacia... bom, os amigos de Caio não iam deixar sem resposta seu homicídio. Tadeu, se tivesse sorte(que alguém o defendesse, evocando os direitos humanos), ia só apanhar muito.

De qualquer maneira, Serginho se preparava para ir buscá-lo onde estivesse. E sabia que poderia haver algum tipo de dificuldade, um bandido desses não ia querer ser preso, depois de enganar a polícia como fez. Serginho já esquentava o sangue: poderia ter que matar... Às vezes, não nos deixam muita escolha.

Feições contraídas, Serginho foi ao encontro do traidor. Estava angustiado, pensando na possibilidade de ter que atirar em alguém que, aos seus olhos, trazia recordações de seu início na corporação. Era algo como sepultar um pouco da esperança, da inocência...Mas Serginho não poderia pensar assim, senão, ao invés de prendê-lo, ia acabar era dividindo uma pizza com o falso policial.

A procura foi em vão. No cair da tarde descobriu-se seu paradeiro: foi cravejado de balas em uma “blitz” organizada por bandidos para matar policiais. Seria irônica, se não fosse aterrorizante, a violência do Rio...

Serginho calou-se. Tadeu morreu e foi enterrado como policial.

Cecílio marcou um novo encontro com Andressa, desta vez para devolver o documento. Caminharam juntos pelo calçadão de Copacabana, banhados pelo sol esfuziante. O professor não deu explicação sobre o mal-sucedido convite que havia feito, mas enfatizou o seu arrependimento pela atitude. Ele estava desesperado, disse, sem dar detalhes sobre o motivo. Andressa não quis saber. As desculpas bastavam. Carente, ela chorou no ombro de Cecílio. Este sentiu-se como um pai, e era o que algumas pessoas que passavam pensavam ser o seu papel naquela cena. Isto o

incomodou um pouco, pois estaria disposto a deitar com ela naquele instante, se fosse possível. Desta vez, achou melhor não externar os seus desejos. Aquele professor não conseguia captar as dificuldades pelas quais a adolescente estava passando. Tal qual uma criança, ele tendia a encarar o sentimento alheio como uma grande brincadeira. E como se sexo fosse sempre o melhor sorvete.

Carol era lânguida, a voz não saía de sua boca, parecia escorrer, insinuante, em busca do objetivo final, a sedução. Mesmo falando de problemas no trânsito, ela tinha este jeito preguiçoso, que mesclado com suas observações sobre a arte, tornava-a irresistível. Sexy e intelectual.

Cecílio estivera louco por ela, mas perdeu o interesse depois da noite em que transaram. Depois da separação entre seu irmão e ela, o professor passou a ser convidado constantemente para ir ao cinema. Ele não aceitava, e entendia que o seu machismo havia aniquilado o prazer de estar com a moça. É que ela não era mais a pessoa “pura” que ele pensava, virou “uma devassa que fez sexo com todo mundo”. Era um tipo de rigor, um preconceito que roubava das pessoas muitos momentos de alegria de suas vidas. Cecílio reconhecia esta sua limitação e decidiu lutar para mudar. Este tipo de obstáculo tinha que ser destruído.

ORAÇÃO PARA OS INVEJOSOS

Lui estava prestes a se casar. Sua vida mudou radicalmente. Era um homem que havia feito sucesso no passado, mas que perdera tudo. Agora, tinha readquirido status, e estava investindo o dinheiro sob a supervisão de gente que entende do assunto. Tudo graças à sua volta a ativa no caso Erik. Neste ponto, Lui foi um mal-agradecido: poderia revelar as verdadeiras conclusões, embora sem provas de nada.

“Cecílio, eis o nome do provável assassino. O comportamento ciumento de Cecílio em relação à Andressa não deixava dúvidas que o professor era apaixonado pela aluna, independente de ter havido algo entre eles. Quando ele surgiu com tanta insegurança por ver Andressa junto de mim, aquilo se tornou claro. Lembrei que não acredito na existência de coincidências e imaginei aquele encontro como uma pista com que o Cosmos havia me brindado. Partindo deste princípio, interroguei testemunhas e pesquisei o passado dos personagens daquela história. A mulher que estava ao lado de Erik lecionara durante alguns meses na escola de Cecílio, isto há mais de duas décadas. No arquivo da escola, havia fotos antigas de professores, e uma foto dos dois conversando, amigavelmente. Em conversa com outro mestre bem antigo, descobri que houve um caso entre eles, na mesma época em que ela era comprometida com outro sujeito.

Certamente, por algum motivo, (e sabendo que o pai estava viajando) Cecílio surgiu em uma manhã dessas para falar com Andressa (Nota do autor: Lui não sabe, mas a desculpa para ver a garota era entregar o documento de identidade a ela). Chegando lá, encontrou a porta mal fechada e ouviu gritos, de pessoas fazendo amor. Entrou e encontrou sua ex-namorada com Erik, em tórridas cenas de paixão. Observou tudo, até eles terminarem e caírem prostrados, de sono e da mistura lisérgica que haviam experimentado. Com ciúme, ele se aproximou e, com dois toques rápidos, quebrou o pescoço de Erik que, sufocado, morreu.

O que me impediu de revelar estas conclusões? A imensa pena que tive de Andressa, que teria, depois de perder o irmão, todo o seu caso revelado. Ela teria muitos problemas, e certamente se sentiria culpada em relação à morte de Erik. Ela já estava muito machucada, não merecia isto. E Cecílio não parecia má pessoa. Pronto, é isso, simpatizei com o assassino.”

Lui estava certo. Naquela fatídica manhã, o professor aproveitou o fato de Andressa ter esquecido seu documento com ele, para fazer uma “visitinha supresa”. Chegando lá, encontrou a porta mal trancada. Ele bateu e ninguém atendeu. Subitamente, vindo de outro cômodo da casa, surgiram gritos de prazer, berros rasgados. Seria Andressa? Ele não sabia que a adolescente não estava em casa, que dormira na casa de uma amiga. E resolveu entrar e conferir.

De repente, eis a surpresa: uma voz familiar. Não, não era possível. Era ela mesmo: Débora.

Débora, a pessoa que virou sua vida de cabeça para baixo. A maravilhosa Débora, alvo de toda a paixão que ele poderia dedicar a uma mulher, a materialização em carne e osso de todos os seus mais instintivos desejos. Perto dela, ele se via sempre faminto, quase um predador.

Mas a Débora ali não era a do passado. Era envelhecida, com o aspecto opaco, os dentes podres. O cabelo mal tratado. Ela era pálida e magra, com os ossos sempre lutando para aparecer em

cada movimento que o casal fazia. Uma figura deprimente, um arremedo do que foi. O corpo ainda trazia algumas formas pretéritas, mas era só. Não foi o tempo que fez aquilo, sozinho ele não conseguiria. Ela era co-autora da obra. Não havia envelhecido, mas apodrecido.

Diante daquela cena degradante, Cecílio poderia ir embora, mas preferiu ficar observando. E não agüentou a maneira como o rapaz tratava aquela senhora de quarenta e tantos anos. Com desprezo, ela era como uma coisa, uma propriedade dele. Até apanhava na cara. Tapas deixavam marcas em suas costas, que eram muito brancas. Ele ria muito, puxava o cabelo da mulher até arrancar tufos. E gritou, pelo menos, uma vez:

— Você não queria ficar cheirada, vaca? Você que pediu isto...

Ela gritava, mas aceitava. Talvez até gostasse, ou não. Um dos tapas fez um dos brincos dela voar até o outro lado da cama. E ele gritava:

— Você não é nada para mim, uma piranha velha, acabada e drogada...você não vale nada, não serve para nada, feia e viciada!

Após toda a cena, ele a beijou na testa, com ternura, e perguntou, sério:

— Gostou?

— Sim, muito.

Cecílio viu tudo pela fresta da porta. Cada um tem direito a ter suas fantasias, mas ele não engoliu a humilhação que Débora sofrera. A sua decadência física aliada a todas aquelas palavras cruéis fizeram Débora tornar-se uma vítima. Ele que havia nutrido uma grande mágoa em relação àquela moça durante todos estes anos, fez o que ele jamais imaginara: solidarizou-se com ela, que, por minutos, encarnou o antigo objeto de paixão, a mulher que ele defenderia de tudo e de todos. O professor decidiu tratar o passado com atenção. Naquele instante a dupla fora refeita.

Cecílio encheu-se de brios e entrou no quarto. Os dois dormiam. Ele colocou os dedos sobre os nervos sensíveis do pescoço de Erik e fez os movimentos que havia aprendido quando praticou diversas lutas, na juventude. E foi embora, sem nenhuma culpa. Jamais matara, mas nem isto provocou nele alguma emoção que não fosse o medo. Que durou semanas, mas apagou-se. Hoje ele tem a certeza que ninguém nunca descobrirá. E tinha motivos para esta crença.

Para sua sorte, ele entrou no prédio junto com um grupo de pessoas. O porteiro, distraído, sequer perguntou o seu nome. E ele nem imaginava que, ao descer, já seria um assassino. O acaso parecia lhe ajudar, como se fosse um grande cúmplice do seu ato. Como se o destino quisesse que Cecílio acabasse com a degradação daquela mulher, que fosse o instrumento para isto. A saída do prédio foi o momento mais crítico: o suor escorria por dentro de suas roupas. Deixava o local convicto de que estava assinando uma sentença de prisão. Mas, qual não foi a sua surpresa ao ver que o porteiro estava de costas, conversando com um faxineiro. Poderia ter sido só uma conversa rápida, mas foi na hora exata, em que ele mais necessitava. Não, não poderia ter outro nome que não fosse destino.

Hoje, Cecílio imagina que ele fez o que estava predestinado, era um desígnio, algo maior. E vê-se um pouco como um justiceiro, um instrumento para o curso natural das coisas. Uma maneira de querer justificar para si mesmo a covardia do seu ato. O velho e sonso Cecílio alivia-se assim de qualquer culpa.

Para combater o medo e não suscitar suspeitas, o professor não mudou a sua rotina. Mas era impossível colocar um freio nos ataques de pânico que incomodavam Cecílio desde o seu crime. Só o tempo se encarregou de cessá-los, quando, enfim, deram lugar a uma brisa de arrogância, a certeza de impunidade. O tipo de sensação com um incomum poder de entorpecimento.

Andressa foi morar, uns tempos, com o pai, na Itália. E Cecílio passou a sair com Carol, embora ainda estivesse reticente sobre quais as conseqüências daquilo.

Dois meses após o início do relacionamento entre eles, ela fez uma revelação:

— Estou grávida de Pedro, já estava quando eu e você começamos a namorar, mas eu não quis te contar...achei que você ia ficar louco de raiva e me largar...

Cecílio decidiu que isto não afetaria o relacionamento. Estar morando com Carol foi um grande incentivo para esta posição: eles se entendiam muito bem. Mas a decisão não foi simples assim.

Era a hora crucial da vida de Cecílio. A cobrança de pênaltis. Não poderia passar todo o tempo valorizando apenas aquilo que não lhe era acessível, e desprestigiando suas próprias conquistas. Cecílio viu a si mesmo como um ser destrutivo, no pior sentido, o de ser mesquinho e invejoso. Abdicar de estar com Carol era uma forma de colocar-se sempre na posição de vítima, do homem que acha que ninguém presta. Rotular as coisas e as pessoas era a maneira mais óbvia que o professor havia encontrado de destruir tudo de bom que existia em sua vida. Era a hora de mudar esta situação. A decisão: continuaria com Carol, nada o impediria.

E viveram felizes para sempre (o que durou exatamente 247 dias).

CONCLUSÃO

O “Mexicano” desistiu de empresariar o grupo após ouvir o disco deles. Como ia conseguir vender um outro trabalho assim? “Só se houvesse um outro crime relacionado às novas músicas...” Não, era a hora de continuar no rock, mas buscar artistas construtivos. E que gostassem de cantar sobre o amor, os pássaros, o molejo sensual da mulher brasileira etc.

— Eu quero trabalhar com artistas que dêem uma contribuição melhor para a sociedade, vamos falar de amor, gente! — discursou ele em meio a uma festa, diante de um público predominantemente feminino.

— E o Vilipêndio? — perguntou alguém.

— Sem mim, não sei como vai ser. Vou revelar a verdade: era eu quem fazia a melodia das músicas — e, completou, de imediato, antes que alguém lhe pedisse e ele tivesse que citar o nome, já esquecido, de alguma das suas “composições”:

— Mas vamos mudar de assunto, que eu sou muito modesto e detesto ficar me gabando... — emendou diante de uma saraivada de palmas.

Ainda na mesma noite, ele, ligeiramente alcoolizado, agrediu um flanelinha que pedia dinheiro por ter vigiado o seu carro. O jornal publicou no dia seguinte:

“Ex-empresário do Vilipêndio agride flanelinha em Ipanema”

E Lúcia, a editora, viu o box “Ligação do rock com a violência é antiga” ser publicado corretamente ao lado do texto principal.

Débora recuperou-se do(s) vício(s), após longo e caríssimo tratamento de desintoxicação bancado por Sandro Dickens. E prepara-se para tentar voltar a lecionar. Na mesma escola em que Cecílio.